

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

NALÚ MARTINI PICOLI

**O PROCESSO DE TRABALHO DO SERVIÇO SOCIAL JUNTO AS OFICINAS DE
TRABALHO SOCIAL COM GRUPOS POPULARES – NESSOP/UFSC.**

Tkh.
Teresa Kleba Lisboa
Chefe do Depto. de Serviço Social
CSE/UFSC

DEPTO. SERVIÇO SOCIAL
DEFENDIDO E APROVADO

EM: 06/07/05

FLORIANÓPOLIS

2005

NALÚ MARTINI PICOLI

**O PROCESSO DE TRABALHO DO SERVIÇO SOCIAL JUNTO AS OFICINAS DE
TRABALHO SOCIAL COM GRUPOS POPULARES – NESSOP/UFSC.**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Serviço Social, do Departamento de
Serviço Social, do Centro Sócio-
Econômico, da Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Msc. Simone Matos
Machado.

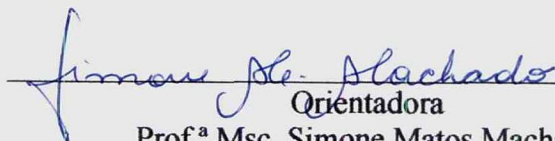
FLORIANÓPOLIS

2005

NALÚ MARTINI PICOLI

**O PROCESSO DE TRABALHO DO SERVIÇO SOCIAL JUNTO AS OFICINAS DE
TRABALHO SOCIAL COM GRUPOS POPULARES – NESSOP/UFSC.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel no Curso de Serviço Social, do Departamento de Serviço Social, do Centro Sócio-Econômico, da Universidade Federal de Santa Catarina.


Orientadora
Prof.^a Msc. Simone Matos Machado

1^a Examinadora
Prof.^a Msc. Márcia do Rocio Santos

2^a Examinadora
Assistente Social Rosana Cristina Dias Aragão

SER ASSISTENTE SOCIAL É...

Ser Assistente Social, neste final de século, é...

Afirmar sua vontade ética de se comprometer com a defesa dos direitos sociais para um dia ver nascer uma nova sociedade em que todos possam viver com dignidade, liberdade e prazer.

Ser Assistente Social, neste mundo globalizado, é...

Ficar indignado diante da fome e da miséria e de todas as formas de violência e discriminação, respondendo aos desafios nas batalhas cotidianas da profissão, resistindo ao Neoliberalismo e suas formas de opressão.

Ser Assistente Social, neste mundo de exploração, é...

Resgatar a auto-estima, ter fé e lutar consciente de que o “coletivo” é a única arma capaz de transformar explorados em protagonistas sociais.

Ser Assistente Social, em tempos de crise, é...

Romper com o conservadorismo, comodismo e omissão, transformando a sua práxis em sinais de libertação, comprometendo-se com a qualidade dos serviços prestados à população.

Ser Assistente Social, no terceiro milênio, é...

Lançar um olhar crítico e de esperança sobre a realidade social e nela intervir e interagir tendo a ética como bússola dos caminhos a seguir, encarando condições adversas sem mágicas e sem ilusão, mas com competência e muita determinação.

É ... Ser propositivo e articulador.

Saber socializar e refletir, criar e recriar, buscando materializar o projeto ético-político da profissão que deseja ser co-participante do projeto societário de construção de novos tempos sem dominação.

(Autor desconhecido)

DEDICÁTORIA

Dedico a Deus por sempre iluminar meu caminho, e á minha família por ter me dado essa oportunidade, em especial aos meus pais, Dino e Alice e a minha irmã Dinay, pelo apoio, amor e compreensão, essenciais para a conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao fim do Curso de Serviço Social, percebo que várias pessoas tiveram importantes papéis nesta caminhada, que iniciou-se há aproximadamente 4 anos, desde aqueles que incentivaram-me, quanto aqueles que apoiaram-me.

Dentre estas pessoas gostaria de agradecer em especial:

- Aos meus pais, Dino e Alice, pela vida que me deram, que por muitas vezes abdicaram de coisas de suas vidas, para que pudesse chegar aqui. Por sempre estarem ao meu lado, motivando-me a ir em busca de meus sonhos. Muito obrigada.
- Á minha amada irmã Dinay e ao meu cunhado César, pela força que recebi nas horas em que tudo parecia dar errado, pela confiança, incentivo, por todo carinho depositados em mim.
- Á minha querida e fiel amiga Camila Cunico, obrigada pela amizade, que mesmo distante sempre esteve presente, pelos momentos de angustias e alegrias compartilhados juntas, por não me deixar desistir de lutar... pelas longas conversas ao telefone , por me compreender nas horas de correria e me tirar sorrisos nas horas de mau humor, pelo ombro amigo.
- Á Patrícia Ap. Schnoor, amiga e colega incondicional, que esteve durante os 4 anos de faculdade ao meu lado. Por todos os momentos alegres e tristes que passamos juntas, pela compreensão, pelos conselhos vindos sempre na hora certa, pela troca de conhecimento, pelas inesquecíveis festas, pela amizade verdadeira. Valeu.
- Á Patrícia Alessandra Meneguzzi Metz, amiga de longa data, amiga para todas as horas, obrigada pelas palavras de conforto, pela paciência, pela mão

amiga que sempre esteve estendida nas horas em que mais precisei, por todo seu carinho. Obrigada.

- Á Israel Fernandes Huff, uma pessoa muito especial em minha vida, que muito contribuiu para a realização deste sonho. Obrigada pelo carinho e pelo incentivo que me destes, sei que você sempre esteve torcendo por mim.
- Á Simone Matos Machado, minha supervisora de estágio, orientadora e Assistente Social admirável. Obrigada pelos ensinamentos repassados, pela dedicação com que me orientou, contribuindo para minha formação profissional e pessoal. Pela amizade que ficou.
- Às amigas mais que especiais, Naiana Scalco, Raquele Zílio e Andréia Mocellin, vocês estão em meu coração.
- Às queridas colegas e amigas, Roseli de Souza Viana, Adriana F. Lima, Adriana Pfeifer e Giseli Mara Schena ,grandes amizades conquistadas neste período de faculdade.
- Aos amigos Guto, Alessandro, Anderson, Fernando, César, Newton, Jadel e Cícero, minha grande família de Floripa, obrigada pelas inúmeras vezes em que me acolheram transformando os dias mais cinzentos em um lindo dia de céu azul.
- Aos Assistentes Sociais participantes das Oficinas, obrigada pela troca de conhecimento e pela contribuição na minha formação profissional.

RESUMO

PICOLI, Nalú Martini. **O Processo de Trabalho do Serviço Social junto às Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares – NESSOP/UFSC**. Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Florianópolis, 2005.

O objetivo do presente trabalho foi avaliar o processo de trabalho do Serviço Social junto ao Projeto Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares, situando a profissão e a instituição, realizando uma análise crítica da experiência bem como uma descrição dos encontros Oficinas, baseados no contexto da Educação Popular, dando ênfase em três eixos: Identidade, Afetividade e Poder.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	9
INTRODUÇÃO	10
1. Contexto da Experiência	12
1.1 Contexto da Profissão.....	12
1.2 Contexto institucional: da experiência: UFSC/NESSOP	23
2. Processo de Trabalho do Serviço Social junto às Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares – NESSOP/UFSC	35
2.1 O Processo de Intervenção	39
2.2 Seleção dos Profissionais	39
2.3 Quadro demonstrativo das Oficinas.....	42
3. Análise e avaliação da experiência	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS.....	65

INTRODUÇÃO

A elaboração do presente trabalho de conclusão do curso de Serviço Social, tem como fundamento a minha vivência enquanto estagiária no Projeto Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares, desenvolvido dentro do Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular – NESSOP/Universidade Federal de Santa Catarina.

Diante da grande procura por assessoria o NESSOP sentiu a necessidade de viabilizar um projeto de extensão universitária que oferecesse um espaço pedagógico de formação para Assistentes Sociais envolvidos em práticas com o setor popular da Grande Florianópolis. Capacitando assim os profissionais a utilizarem dinâmicas de grupo que busquem a inclusão e a participação desta população nos rumos das políticas públicas.

O tema abordado – *O Processo de Trabalho do Serviço Social Junto às Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares-NESSOP/UFSC*, tem como objetivo enfatizar a relevância do projeto para seus usuários, dando ênfase na importância de vivências em grupo. O Projeto Oficinas foi constituído de vivências práticas das dinâmicas de grupo voltadas ao setor popular para, a partir do concreto, apreender seus conceitos básicos.

No primeiro capítulo apresentamos a Instituição UFSC/Departamento de Serviço Social/NESSOP, salientando as formas de extensão universitária. Também situamos o surgimento da profissão, as influências sofridas e o compromisso do Serviço Social com uma intervenção transformadora no que diz respeito aos movimentos populares ou grupos populares.

O segundo capítulo consiste em situar e descrever os encontros Oficinas. Os conteúdos trabalhados nos encontros pedagógicos formam três eixos: identidade, afetividade e poder, buscando assim o desenvolvimento pessoal, a inserção social e o uso do processo educativo.

No terceiro capítulo enfoca-se o trabalho do Serviço Social, fazendo o exercício da avaliação de todo o processo de planejamento, elaboração e execução, trazendo os resultados alcançados com o Projeto.

Por fim, as considerações finais.

1. Contexto da Experiência

1.1 Contexto da Profissão

Para Iamamoto, (1994; 1999) apud Lima (2004, p.1) analisar e situar a profissão do Serviço Social é abordar, de maneira simultânea, os modos de atuar e de pensar que foram incorporados pelos profissionais para que as bases teóricas orientadoras da profissão sejam visíveis no momento em que se realiza a leitura da sociedade e no momento que se constrói respostas à questão social. Assim, entender a intervenção profissional implica inseri-la no contexto das relações sociais e de seus mecanismos de poder econômico, político e cultural. O projeto profissional orientado para um Serviço Social propositivo e crítico, por sua vez, implica a capacidade teórica e política para gestar alternativas frente às possibilidades de intervenção em cada conjuntura. Alternativas estas voltadas para uma hegemonia que possibilitasse a intervenção profissional orgânica a um projeto popular, ou seja, voltada aos interesses da classe trabalhadora.

Segundo Netto (1986), o processo de urbanização e industrialização capitalista transformou as condições sociais e o caráter do exercício filantrópico, requerendo profissionais adequados às modalidades de acumulação impetrantes.

De acordo com Machado (2005), o surgimento da profissão deu-se no início do século XX, com a característica humanismo conservador – Doutrina social da igreja católica, que baseava-se em princípios de humildade, solidariedade e amor ao próximo – caridade e filantropia. Nesse período nega-se a luta de classes e propõe-se uma aliança entre patrão e empregado.

Este início de século também é marcado pelo processo de industrialização no Brasil com o surgimento do operariado e da burguesia e o acirramento das contradições

entre capital e trabalho. A questão social se expressa nas más condições de habitação, trabalho, higiene, educação e saúde dos trabalhadores. O Estado é omissor e repressor.

Entre os anos de 1940 e 1960 acontece a influência do Serviço Social norte americano – Teoria Social Positivista – que analisa as relações sociais como fatos dados – objetividade e imediatez. Em contrapartida o Estado começa a implementar políticas no campo social – exigindo qualificação técnica dos profissionais da assistência pública.

O ano de 1970 foi marcado pelo questionamento do referencial teórico metodológico de cunho positivista/funcionalista e a apropriação da matriz teórica marxista, centrada na análise das relações de classes na sociedade capitalista. Destacam-se neste momento também a influência da vertente Fenomenológica, centrada no vivido humano, no sujeito e suas vivências ressaltando três categorias: pessoa, diálogo e transformação social.

Com o agravamento das contradições entre capital e trabalho e a expansão do capitalismo mundial, aumentou a exclusão e a subordinação dos países latino americanos, como consequência, crescem as mobilizações sociais.

Nos anos 80 intensifica-se a relação do Serviço Social com a teoria social de Marx. O ser social (ser em relação) precisa ser desvelado a partir de seu concreto imediato. As relações sociais que o configuram não aparecem imediatamente. É necessário entendê-lo no bojo das relações sociais mais amplas, no contexto social capitalista/relação de classe. Neste sentido os debates no âmbito da profissão inserem o Serviço Social na dinâmica de reprodução das relações sociais. Em 1982, ocorre a reforma curricular dos cursos de Serviço Social. A partir de então, ocorre um crescimento da produção teórica brasileira no âmbito do Serviço Social (expansão dos cursos de mestrado e doutorado). Faz-se o diálogo da profissão com a metodologia libertadora de educação popular de Paulo Freire, bem com da pesquisa participante (Thiollent) e pesquisa-ação (Brandão).

Esta década também foi marcada pelo aumento da pobreza e da miséria, luta pela democratização do Estado e da sociedade. Em 1985 forma-se a Articulação Nacional de Entidades pela Mobilização Popular na Constituinte (80 entidades de classe, partidos, movimentos sociais, comitês, plenárias), e a Reforma Constitucional de 1988, garantindo direitos sociais, o controle social das políticas públicas através de paritários (governo e sociedade civil), instrumentos de exercício da democracia direta. Com o reordenamento das políticas sociais, subordinando-as às políticas de estabilização da economia, ocorre o apelo à filantropia e à solidariedade da sociedade civil.

Na década de 90 a crítica formal à matriz marxista do Serviço Social: (especialmente ao dogmatismo e as lacunas em relação ao caráter interventivo da profissão), teve como consequência, a incorporação de novas tendências teóricas como Hannah Arendt, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Juergen Habermas, Edgar Morin, Boaventura Souza Santos, Eric Hobsbawm, no sentido de promover com mais profundidade a compreensão da cultura das classes subalternas.

A tradição marxista amplia o debate (experiência cotidiana de classe, cultura das classes subalternas) a partir de autores como Gramsci, Heller e Thompson.

Com a virada do século temos uma complexificação da questão social/exclusão, através do acirramento da questão urbana. O desemprego, a violência, o narcotráfico, degradação ambiental, a violência familiar, a violência cultural, alienação/inserção intensiva da televisão no cotidiano da população como elemento formador de opinião, valores, ideário de consumo, são os principais indicadores deste quadro social onde se insere a prática do Serviço Social.

Diante das estratégias de descentralização das políticas públicas, o momento presente demanda aos assistentes sociais a revitalização de debates profissionais sobre as

particularidades emergentes em seu âmbito de trabalho tanto em nível nacional quanto municipal.

Os impactos sociais advindos das configurações da sociedade contemporânea, que envolvem as práticas sociais e os agentes que coexistem neste contexto, acabam por incidir na ação dos profissionais de Serviço Social.

Assim, o contexto brasileiro desafia os assistentes sociais, pois, há inquietações quanto à gestão das políticas sociais e quanto às escolhas estratégicas a serem empreendidas no cotidiano profissional.

Os desafios atuais, trazem a necessidade de intensificar a inserção do Serviço Social no cotidiano das lutas/espços organizativos da sociedade civil e contribuir com estes sujeitos no enfrentamento da questão social numa perspectiva de transformação social ou seja, a superação das relações sociais que sustentam a sociedade capitalista. Assim, a formação do Assistente Social exige um suporte teórico metodológico e técnico operativo nesta perspectiva de transformação social.

O compromisso profissional do Serviço Social com uma intervenção voltada à transformação social através das práticas gestadas no âmbito do movimento popular ou grupos popular configurou o que Silva e Silva (1995) chama de Projeto Profissional de Ruptura que se coloca a partir de cinco eixos articuladores:

O primeiro eixo é a Formação de Alianças que é um eixo articulador, é o que preconiza a prática de formação de alianças do profissional com a clientela, com outros profissionais, com movimentos sociais e com organizações dos trabalhadores. Destacando assim a importância do trabalho interprofissional numa mesma instituição, bem como entre outras instituições, propiciando alianças entre os profissionais e as classes sociais subalternas organizadas. Assim Padilha (1985, p. 40), salienta, "...assistente social e cliente

são participantes ativos da relação profissional e, nesse processo, é necessário a dialética crítica do conhecimento de ambos”.

A formação de alianças dos assistentes sociais com a clientela e com outros profissionais é colocada na perspectiva de uma ação coletiva que visa um processo de organização e mobilização dos assistentes sociais enquanto categoria profissional, de forma que suas ações tenham reflexo na constituição de sujeitos coletivos, uma vez que “somente a ação conjugada dos profissionais e instituições introduzirá efeitos transformadores a nível do coletivo. Como tarefa urgente, propõe-se a adoção de estratégias que rompam com o isolamento e a setorialização em que se mantêm os serviços sociais” (Oliveira, H., 1988, p. 202).

Entre as estratégias a serem adotadas pelo assistente social, destaca-se a necessidade de conhecer, cada vez mais, as relações de poder que se estabelecem entre o profissional/clientela e os outros profissionais, para que se instaure um poder compartilhado.

É na perspectiva de aliança que se coloca a possibilidade de vínculo dos assistentes sociais com as lutas populares, buscando contribuir para formação de consciência e identidade de classe. Convém ressaltar, segundo análise de Faleiros (1986, p. 98), que a atuação do assistente social nesse sentido não significa que ele seja o porta-voz ou orientador de um projeto de classe. Ao contrário, “significa um compromisso com esse projeto, considerando que é na constituição de um bloco histórico novo e hegemônico que se podem transformar as relações sociais”. Dessa forma, Faleiros (1986, p. 74) entende que “a vinculação orgânica do trabalhador social com as classes subalternas dá-se num processo de alianças nas quais os limites e as possibilidades de sua atuação se define histórica e praticamente em cada conjuntura”.

É necessária a construção de uma aliança com as classes populares como um compromisso com suas causas e lutas, Silva e Silva & Souza (1984, p. 57) avaliam ser uma aliança que:

[...] se expressa por uma proposta pedagógica fundamentada numa perspectiva libertadora, o que significa um compromisso com seus interesses e objetivos, pautado na visão gramsciana do intelectual orgânico que tem uma contribuição concreta a oferecer ao processo de mobilização e organização das classes populares.

A partir dessas colocações, constata-se que a prática de alianças remete ao que Mota (1987) define como a necessidade de compreensão de que a ação do Serviço Social pode negar a dominação na medida em que assume com as classes populares a tarefa de construir um projeto político alternativo que não se restringe ao âmbito institucional. Dessa forma, segundo Mota (1987, p. 117) “a prática profissional requer uma constante atenção por parte do sujeito da profissão em termos de redefinição política de sua intervenção”.

O segundo eixo articulador de propostas de ação profissional é a Educação Popular, no sentido de o assistente social colocar sua prática a serviço das demandas das classes populares. Nessa direção, o assistente social se propõe a trabalhar com as classes populares, viabilizando reflexões acerca do seu dia-a-dia, contribuindo para a sistematização do saber popular como forma de resistência e luta.

Santana (1985, p. 176) ressalta que:

[...] a educação popular apresenta-se como uma tendência alternativa de intervenção profissional do Serviço Social no nível da produção dos conhecimentos e da prática voltada para as classes populares, afirmando que [...] os intelectuais devem participar das práticas de educação popular contribuindo com o seu saber específico, informações e interpretações que, a partir das questões colocadas pelas e nas situações objetivas de vida das classes subalternas, explicitam e fortalecem o saber popular.

A indicação desse eixo articulador da prática profissional vem reafirmar a importância de uma leitura crítica da realidade na qual o assistente social e os sujeitos com

os quais trabalha estão inscritos, e destaca a construção do conhecimento como tarefa coletiva. Assim na observação de Arcoverde (1985, p. 153),

[...] nas ações educativas, os assistentes sociais pretendem não apenas transmitir informações, esclarecer ou orientar as pessoas e os grupos a partir de posições pré-definidas, mas examinar essas posições referendando a validade da produção coletiva de conhecimento, respeitando a autonomia dos participantes.

A ação educativa se baseia, portanto, numa ação-reflexão desenvolvida junto à população, de modo a contribuir para a organização/participação.

Para Menegasso (1985, p. 11),

[...] as ações a serem desenvolvidas junto aos grupos populares, pelo Serviço Social, deverão ser de enfoque educativo e de natureza participativa, cooperando com os sujeitos da experiência a um desenvolvimento pessoal, adequado às suas necessidades humanas, o que contribuirá significativamente para as transformações sociais que se fazem necessárias.

Silva e Silva (1995, p. 180) salienta que “a prática profissional, na perspectiva da educação popular, ocorre de forma dialética, considerando a questão da troca de saber, para que assistente social e população possam assumir o papel de educadores e educandos, a partir da compreensão do saber como uma construção cotidiana e coletiva”. Dias (1982, p. 75), salienta que nesse sentido o assistente social, em vez de dirigir o processo educativo, busca uma reflexão conjunta acerca do cotidiano da população mediante a socialização do conhecimento e o apoio às lutas e reivindicações populares.

Segundo Oliva (1988, p. 92) a prática educativa do assistente social facilita a comunicação interpessoal, incentiva atividades de auto-ajuda e ajuda mútua, e favorece a tomada de consciência a respeito da necessidade de reformas. Assim, Kleinschmidt & Silva, J. (1984, p. 30) entendem a “educação popular como expressão e afirmação de um poder popular na eleição de propostas e prioridades sociais e políticas, que resultam na reflexão e na ação organizada dos setores populares”.

Falcão (1981, p. 20) assinala que essa prática encontra-se “articulada à ação do Serviço Social, num sentido amplo, visto que se constitui uma prática educativa voltada para a construção de um saber que alimenta a prática social das camadas populares”, considerando que a educação popular encontra-se presente em todos os programas voltados às camadas populares.

O terceiro eixo articulador das propostas de ação, identificado na leitura do Serviço Social, é a Investigação-ação que se situa no contexto de uma prática educativa, com destaque ao esforço de investigação e construção de um saber.

Ao tomar a educação popular como eixo articulador, o assistente social se coloca como educador popular. Na investigação-ação, coloca-se como investigador que situa o esforço investigativo no âmbito de um processo educativo, o que revela a convergência da educação popular e da investigação-ação, quando percebidas como eixos articuladores da prática do Serviço Social.

Santos, L.L. (1982, p. 165) ressalta os aspectos positivos da investigação-ação:

[...]destacando a possibilidade de maior aproximação dos investigadores em relação à realidade concreta dos setores populares, inserido-se na dinâmica das forças sociais em movimento, contribuindo também, para a superação de níveis genéricos no que se refere aos elementos conceituais de interpretação da realidade, [...] a investigação-ação é um nível que permite escolher melhor a própria instância de investigação do assistente social, na medida em que contribui para a explicitação de aspectos da prática real com grupos sociais, tais como aspectos cotidianos, valorativos, subjetivos, ideológicos que, embora não sejam isolados da perspectiva de luta de classes, exigem um nível particular de explicação.

A investigação-ação para o Serviço Social é importante, na medida em que proporciona aos profissionais “conhecimento sobre as formas de organização da população, fornecendo assim, elementos para o apoio ao seu fortalecimento organizativo enquanto proposta de ação a ser desenvolvida” (Silva e Silva & Souza, 1984, p. 20). Assim a investigação se configura como um processo contínuo, que coloca como exigência a

aliança com os setores populares. Trata-se de uma prática voltada para o desenvolvimento de:

[...]um trabalho de participação coletiva no qual a população se constitui em sujeito do processo e o profissional de propõe a estabelecer uma aliança comprometida em apoiar as suas lutas e reivindicações, tentando contribuir para sua mobilização e seu avanço organizativo. (Id., p. 30).

Na perspectiva da investigação-ação, a metodologia de trabalho não é preestabelecida, mas construída no processo, com a participação da população, e “a transformação social não é vista como resolução de alguns problemas, nem tão pouco como reformas dentro do sistema capitalista, mas sim, como uma real mudança que ocorre a partir de lutas de classes, num determinado momento histórico [...]” (Tofik, 1981, p. 144), implicando um compromisso do investigador com a transformação social, que é concebida como objetivo da prática.

A perspectiva da investigação-ação é também articulada à dimensão acadêmica, no sentido de:

[...] levar ao processo de formação profissional aspectos como o caráter teórico-prático da profissão e os princípios éticos e humanístico a partir de uma concepção global e crítica da realidade, considerando as particularidades regionais e locais e assumindo, como referência básica, o homem como ser histórico de uma realidade em que relações sociais emergem das condições materiais produzidas pela dinâmica da sociedade” (Silva e Silva, 1984, p. 108-109).

O quarto eixo articulador de proposta de ação profissional é o de Assessoria aos Setores populares, que consiste no desenvolvimento de uma ação prática em que o assistente social atua como coadjuvante da prática dos setores populares, no sentido de sugerir alternativas concretas de enfrentamento dos conflitos, decorrentes da dinâmica da correlação de forças, tendo em vista o encaminhamento de soluções que viabilizem o atendimento de suas demandas, bem como o seu fortalecimento enquanto classe organizada.

Essa perspectiva de ação coloca como exigência para o assistente social, segundo Maciel & Cardoso (1989, p. 163-164),

[...] uma elaboração teórica voltada para a prática política na perspectiva de instrumentar a classe subalterna em seu processo de constituição como classe hegemônica, constituindo um pensamento efetivo para o Serviço Social enquanto prática interventiva em seu esforço de superação do pragmatismo.

Iamamoto & Carvalho (1986, p. 116) ressaltam o cotidiano como expressão concreta das relações sociais e espaço de intervenção dos assistentes sociais, cuja apreensão aponta possibilidades de transformação da realidade social.

Segundo Rico (1987 apud Silva e Silva 1995, p. 186) a prática profissional desenvolvida na perspectiva da assessoria coloca como objetivos fundamentais para o Serviço Social, contribuir efetivamente no processo de conscientização, mobilização e organização explorada, a fim de capacitá-la para que ela se converta em agente de seu próprio desenvolvimento e sujeito da transformação social.

Silva e Silva 1995 comenta que a articulação da assessoria com o esforço de uma prática profissional orientada na perspectiva da construção de alianças dos assistentes sociais com sua clientela, coloca-se “a serviço dos interesses e necessidades dos segmentos majoritários da população, consolidando-se junto a estas novas fontes de legitimidade para o Serviço Social” (Iamamoto & Carvalho, 1986, p. 122).

A Redefinição da Prática da Assistência Social pode ser apontada como o quinto eixo articulador. Nesta redefinição vê-se a possibilidade de resgate e reconstrução da identidade do profissional do Serviço Social.

A assistência social, enquanto estratégia de ação profissional, passa a se construir num eixo marcante a partir do momento em que, no Serviço Social, se aprofunda a reflexão sobre sua inserção na divisão social do trabalho, no contexto das relações sociais. Aqui o livro de Iamamoto & Carvalho, *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*

(1986), é um marco decisivo, ao assumir a possibilidade e a exigência de trabalhar a assistência social, via prestação de serviços, como uma mediação político-educativa, como superação da perspectiva assistencialista.

A assistência social é compreendida por Carvalho (1987) na sua dimensão contraditória, considerando que a mesma apresenta diferentes matrizes. Se, por uma lado, é colocada como demanda do bloco no poder, via Estado, por outro lado, é também como demanda da classe trabalhadora, tanto no seu processo coletivo de luta – numa perspectiva de cidadania – como na busca individualizada de sobrevivência, servindo portanto, a interesses imediatos e a interesses de classe, no processo de resistência coletiva.

Nessa perspectiva, Yazbek (1991, p. 77-78) enfatiza que:

[...] repensar a assistência é uma questão central do Serviço Social contemporâneo. Persistindo no exercício profissional dos assistentes sociais como mediação fundamental de sua prática, a assistência vem-se colocando, cada vez mais, como objeto prioritário de análise e de discussão no debate que se trava na categoria e na sociedade acerca das políticas sociais brasileiras, sobretudo porque para os trabalhadores a assistência e os serviços sociais em geral se configuram como um modo de acesso a recursos necessários para a sua manutenção e, muitas vezes, à sua própria sobrevivência.

Silva e Silva (1995, p.189) reafirma que “a Assistência Social é entendida como um direito do cidadão, podendo configurar-se como um espaço de mobilização, conscientização e organização, rompendo assim, com a visão tradicionalista da Assistência Social enquanto ajuda, benesse etc”.

“A prática da assistência social, remete à compreensão do espaço institucional, enquanto expressão das contradições sociais, o que supõe o seu entendimento também como materialização dessa contradição, emergente no interior das instituições e destina-se ao atendimento de demandas diferenciadas, oriundas do contexto da luta de classes”. (Id. p. 190).

Neste sentido, traremos a seguir elementos para compreensão do contexto institucional do Projeto Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares, objeto do presente trabalho.

1.2 Contexto institucional: da experiência: UFSC/NESSOP

O ensino superior do Estado de Santa Catarina iniciou-se com a criação da Faculdade de Direito, em 11 de fevereiro de 1932. Organizada inicialmente como instituto livre, foi oficializada por Decreto Estadual em 1935.

Na Faculdade de Direito germinou e nasceu a idéia da criação de uma Universidade que reunisse todas as Faculdades existentes na Capital do Estado. Pela Lei 3.849, de 18 de dezembro de 1960, foi criada a Universidade de Santa Catarina, reunindo as Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia, Filosofia, Ciências Econômicas, Serviço Social e Escola de Engenharia Industrial, sendo oficialmente instalada em 12 de março de 1962.

Posteriormente iniciava-se a construção do "campus" na ex-fazenda modelo "Assis Brasil", localizada no Bairro da Trindade, doada à União pelo Governo do Estado (Lei 2.664, de 20 de janeiro de 1961).

Com a reforma universitária, formalizada através do Decreto 64.824, de 15 de julho de 1969, foram extintas as Faculdades e a Universidade adquiriu a atual estrutura didática e administrativa

A UFSC possui 57 Departamentos e 2 Coordenadorias Especiais, os quais integram 11 Unidades Universitárias. São oferecidos 39 Cursos de Graduação com 52 Habilitações nos quais estão matriculados 38.323 alunos. Oferece ainda, 26 cursos de Doutorado, 104 cursos de Mestrado e 88 Especializações.

O Campus Universitário, atualmente integrado por cerca de 30.000 pessoas, dispõe de uma infra-estrutura que permite funcionar como uma cidade qualquer. Além de uma Prefeitura responsável pela administração do "campus", há órgãos de prestação de serviços, hospital, gráfica, biblioteca, creches, centro olímpico, editora, bares e restaurantes, teatro experimental, horto botânico, museu, área de lazer e um Centro de Convivência com agência bancária, serviço de correio e telégrafo, auditório, bar, restaurante, salões de beleza (masculino e feminino), sala de meios e cooperativa de livros e de material escolar.

Numa área de aproximadamente 18 milhões temos 1.020.769 metros quadrados de área construída e 17.058.143 fora do campus, a UFSC apresenta 595.870 de área construída em edificações, sendo que 274.523 encontra-se no campus. A esta área do "campus" foram acrescidos dois milhões de metros quadrados representados por manguezais que servem para a pesquisa e preservação de espécies marinhas. Através de um convênio com o Ministério da Marinha, a UFSC, em 1979, obteve a concessão da Ilha de Arhatomirim, com uma área de 45.000 metros quadrados, onde está instalada a Fortaleza de Santa Cruz.

Em 1990 o Ministério da Marinha transferiu a guarda da Fortaleza de Santo Antônio, localizada na Ilha de Raton Grande. Nestas duas ilhas vem sendo desenvolvidos trabalhos de pesquisa na área de Aquicultura e, de Mamíferos aquáticos.

A UFSC assumiu, também, em 1992 a Fortaleza de São José da Ponta Grossa ao norte da ilha de Santa Catarina. Nas três fortalezas, restauradas pela UFSC, com recursos da Fundação Banco do Brasil, vem sendo desenvolvidos trabalhos de Turismo Educativo com a participação de estudantes universitários. (www.ufsc.com.br)

A Universidade Federal de Santa Catarina possui 11 unidades de ensino, dentre as quais, o Centro Sócio Econômico e dentro deste, o Departamento de Serviço Social (DSS), estrutura administrativa do Curso de Serviço Social.

A Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, sendo uma instituição pública, deve existir a serviço da sociedade, contribuindo para a produção e socialização do saber, melhoria da qualidade de vida e para a construção da democracia, participando ativamente dos processos ético humanizadores da sociedade. Neste sentido a UFSC se insere dentro de uma política de extensão universitária que “é definida como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade¹”. Assim, a extensão leva para a comunidade externa o conhecimento produzido dentro da universidade. A sociedade o absorve, trabalha, critica e o devolve sob a forma de novos saberes e demandas. A Universidade através da extensão, vai trabalhando as necessidades e realidades da sociedade e, além de gerar o novo conhecimento, vai atendendo às suas reivindicações.

As formas de extensão universitária envolvem desde palestras, cursos e eventos variados passando por consultorias e prestação de serviços, até os projetos de desenvolvimento comunitário onde, através de ações contínuas, a Universidade contribui para a mudança positiva de uma dada realidade.

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, considera o trabalho acadêmico como um processo orgânico e contínuo que se estende desde a produção até a sistematização do conhecimento e a transmissão dos resultados. Nessa perspectiva, a extensão é concebida como um processo educativo, cultural e

¹ Plano Nacional de Extensão Universitária. Brasília: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – SESu/MEC, 1999.

científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”. (Fórum, I Encontro Nacional).

O Fórum salienta que a indissociabilidade entre as atividades de extensão, ensino e pesquisa é fundamental no fazer acadêmico. A relação entre o ensino e a extensão supõe transformações no processo pedagógico, pois professores e alunos constituem-se como sujeitos do ato de ensinar e aprender, levando à socialização do saber acadêmico. A relação entre extensão e pesquisa ocorre no momento em que a produção do conhecimento é capaz de contribuir para a melhoria das condições de vida da população.

A extensão, como ação que viabiliza a interação entre a universidade e a sociedade, constitui elemento capaz de operacionalizar a relação teoria/prática, promovendo a troca entre saberes acadêmico e popular.

Assim, a extensão deve ser realizada considerando o compromisso social da universidade enquanto instituição pública empenhada no equacionamento das questões que afligem a maioria da população, devendo ser realizada preferencialmente em articulação com as administrações públicas.

A extensão universitária tem os seguintes objetivos:

- Articular o ensino e a pesquisa de acordo com as demandas da sociedade, buscando o comprometimento da comunidade universitária com seus interesses e necessidades sociais;
- Contribuir para o fortalecimento das relações Universidade com a Sociedade;
- Garantir uma concepção do espaço acadêmico entendido como todos os ambientes dentro e fora da Universidade onde se realiza o processo histórico-social com suas múltiplas determinações;
- Contribuir para o desenvolvimento econômico, social e cultural priorizando especificidades regionais;

- Incentivar a prática acadêmica que contribua para o desenvolvimento da cidadania e melhoria da qualidade de vida;
- Estabelecer mecanismos de integração entre o saber acadêmico e o saber popular, visando à geração de novos conhecimentos;
- Implementar o processo de socialização do conhecimento acadêmico;
- Contribuir para a reformulação de concepções e práticas curriculares da Universidade, bem como para a sistematização do conhecimento produzido.

O Curso de Serviço Social foi criado no ano de 1958 pela Fundação Vidal Ramos - mantenedora do curso. O ano de 1968, foi marcado pela federalização, na criação da UFSC. Mas, funcionando no centro numa Administração híbrida da Fundação, agregada a Universidade .

Outro marco aconteceu no ano 1985 ,quando o curso passa a funcionar no campus da UFSC, com um quadro de 18 Professores Efetivos. Convém ressaltar que foi no ano de 1985 que se implanta o currículo unificado e recomendado pela então ABES - Associação Brasileira de Escolas do Serviço Social.

No ano de 1990, acompanhando o processo nacional, o curso de Serviço Social da UFSC inicia um Processo de Revisão Curricular , a partir de um projeto Político-Pedagógico que cria Núcleos de Estudos de Pesquisa em áreas de atuação do Serviço Social na Região.

O Colegiado de Curso e Colegiado de Departamento para atender uma demanda social, e para expansão das pesquisas e extensão do Serviço Social, apresenta no ano de 1997, um projeto de criação do Curso Noturno de Serviço Social com a previsão de contrato de Professores efetivos:

1999 - 4 professores

2000 - 4 professores

2001 - 4 professores

2002 - 4 professores, totalizando assim mais 16 professores para o Departamento de Serviço Social. Este projeto foi aprovado pela PREG, e comprometido pelo Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ainda dentro do ano de 1997, o Departamento de Serviço Social realizou Planejamento Institucional e estabeleceu como principais metas:

- criação do Mestrado;
- investir no Doutorado do Corpo Docente;
- criação da revista Katálisis;
- ampliação do espaço físico e dos equipamentos;
- implantar o Curso noturno.

Em 1998, foi realizada uma revisão ampla do Currículo a partir de Diretrizes da ABEPSS. Que seriam ratificadas pelo C.N.E., Conselho Nacional de Educação.

Em dezembro do mesmo ano, a Presidência da República decreta a suspensão de concursos e a contratação dos já realizados.

O Curso de Serviço Social noturno teve a sua implantação registrada no ano de 1999. Já no ano seguinte, 2000, obteve mais conquistas, como a implantação do Programa de Mestrado em Serviço Social e a realização de alterações substanciais no Currículo do Curso, face as discussões sobre a responsabilidade pedagógica do Departamento de Serviço Social na prática e no estágio do Serviço Social.

O quadro Permanente de Professores do DSS em 2002, por diversos fatores, chegou a 14 professores no total, inclusive os afastados para formação. Ainda no mesmo ano foi realizado concurso e contratados 3 professores, totalizando 17 professores. Destes, 11 são doutores, 3 doutorandos e 2 mestres.

Ainda neste ano realizou-se uma audiência com o Reitor com o objetivo de discutir sobre a situação do Departamento. O Reitor solicita que se espere até o próximo ano por possíveis liberações nas contratações.

Em 2003 , o Departamento de Serviço Social, responsável por aproximadamente 85% das disciplinas do Curso de Serviço Social, para atender estas disciplinas de formação de Assistentes Sociais conta com 14 professores no Quadro - (1 pedido de aposentadoria) e 13 professores substitutos. E tem em atividades os seguintes programas:

- 1 grupo PET;
- Edição semestral da Revista Katálysis;
- 5 núcleos de Estudo e Pesquisa em Serviço Social;
- 2 grupos de Pesquisa cadastrados no CNPQ;
- 2 Projetos de pesquisa Multiprofissional e Internacional com financiamento CNPQ e Funcitec;
- 1 Projeto Fungrad
- 4 Projetos Pesquisa / Fumpesquisa;
- 3 Projetos Extensão - Proextensão;
- 1 Projeto de Especialização e Estágio Docência na Saúde Pública;
- Coordenação de Graduação e Pós-Graduação na Diretoria Executiva Nacional da ABEPSS;
- 2 Projetos Extensão com Bolsa de Extensão;
- Grande número de Projeto de Extensão, entre assessorias, palestras, cursos.
- Participação de 4 professores na Seleção de Bolsa PIBIC;

- Expressivo número de publicações em diversos veículos como Revistas, Anuais e Livros.
- Mantém contato e convênio com 54 campos de Estágio.

Como apoio administrativo o Departamento conta com:

- 1 Assistente Social;
- 2 técnicos de assuntos educacionais (1 na secretaria do DSS, 1 na Pesquisa / Extensão);
- 1 bolsista FEPES;
- 2 bolsistas treinamento / UFSC.

Em 2004 assume a chefia do Departamento de Serviço Social a Profª Tereza Kleba Lisboa. A Prof. Myriam Raquel Mitjavila assume a coordenação de Pesquisa. A Prof. Rosana de Carvalho Martinelli Freitas fica responsável Coordenação do Colegiado de Curso. O DSS conta com 14 prof. Efetivos, 1 afastada, 3 voluntárias e 12 substitutos.

A política de extensão do DSS, sob a coordenação da Profª Krystyna Matys Costa, tem a seguinte proposta:

De acordo com a proposta de Diretrizes da Extensão² no Departamento de Serviço Social, são de sua competência: “ Compete ao Departamento planejar, aprovar, executar e avaliar as ações e/ou projetos de Extensão, seu conteúdo técnico, os prazos para sua execução, a carga horária, a prorrogação dos mesmos e elaboração de Relatórios”. (Artigo 06º Resolução n.º 05/Cun/98).

Terão prioridade projetos e/ou atividades que mais diretamente estiverem envolvidos com a garantia do Projeto Pedagógico e Currículo do Curso de Serviço Social.

² Proposta de Diretrizes da extensão do Departamento de Serviço Social Anexo A

A gênese das ações de extensão universitária do Departamento de Serviço Social voltadas para os segmentos sócio comunitários encontra-se no ano de 1985, quando o Departamento de Serviço Social criou o Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Comunitário (NEDC), sob a coordenação da Prof^a Iliane Kohler, que consistia em um espaço para experiências de investigação e análise crítica da práxis no social e com o objetivo de intensificar o compromisso social da relação Universidade-Sociedade, a promoção de estudos, debates e ações no âmbito do social, considerando as questões teórico-práticas e as implicações dos modelos políticos, sociais e econômicos, visando fortalecimento do processo de transformação social.

O NEDC proporcionava a vivência de um processo reflexivo em torno das ações que se desenvolveram no social, estabelecendo relações de participação, capazes de redefinir o contexto social da época tão desintegrado pelo capitalismo voraz.

A partir de 1990 o referido Núcleo estruturou-se como Núcleo de Estudos da População, sendo que a partir de 1992 passa a se chamar Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular - NESSOP, atualmente coordenado pela Pr^fa Iliane Kohler, Prof^a Zulamar Bitencourt e Castro, Prof^a Simone Matos Machado e Prof^a Ana Luiza de Lyra Vaz.

O NESSOP articula o ensino, pesquisa e extensão, na construção de vínculos com aqueles atores sociais identificados com a temática e práxis sócio-comunitária e popular, especialmente, seus processos de gestão e organização, buscando viabilizar a participação, o debate coletivo, a expressão de lutas, divergências e aproximações relacionadas ao seu objeto/temática.

O NESSOP realiza sua política de ação, através de programas e projetos, a saber:

- Programa de formação:

Dentro do Programa de Formação está incluso o Projeto Formação de Gestores Comunitários e as Oficinas de Trabalho Social com grupos Populares.

Os principais resultados das ações do NESSOP no âmbito da formação podem ser mensurados pelo envolvimento e parceria que tem estabelecido com a União Florianopolitana de Entidades Comunitárias – UFECO que garantiu a formação de 89 agentes de organizações sócio-comunitárias durante o ano de 2004. Também em parceria com o Conselho Regional de Serviço Social, 12ª região, realizou no segundo semestre de 2004, a primeira oficina de capacitação profissional de Serviço Social para o trabalho com grupos populares atingindo 15 assistentes sociais oriundos da Grande Florianópolis, municípios de São José, São Pedro de Alcântara e Governador Celso Ramos, além de Florianópolis.

- Programas de pesquisa e diagnósticos sócio-comunitários :

Inclui-se dentro destes programas o Projeto de Assessoria ao Programa Fome Zero de São José/SC e o Projeto do Perfil dos Moradores do Bairro Forquilha PC-3 e Vila Santa Rosa;

- Programa Experiências em Cena:

Este programa é realizado através de eventos e seminários promovidos na UFSC, tendo como protagonistas representantes do movimento sócio-comunitário e suas experiências;

- Programa assessoria:

São ações de assessoria a grupos, organizações, referentes aos seus processos político-organizativos, destacando-se a sua participação como elemento articulador do Fórum da Cidade de Florianópolis/SC .

Os objetivos do Núcleo são:

- Criar articulações políticas e pedagógico-científicas no âmbito das expressões sócio-comunitárias da sociedade civil organizada;
- Promover e realizar projetos pedagógicos-científicos como espaços de formação profissional, socialização de saberes teórico-operativos e investigação junto às práticas/lutas sociais sócio-comunitárias;
- Participar e assessorar o debate político-acadêmico na relação com os projetos dos segmentos populares atuantes junto às políticas públicas;
- Construir, no âmbito acadêmico, com a Organização Popular, políticas públicas participativas;
- Assessorar os movimentos populares no âmbito das suas demandas e das proposições oriundas do próprio Núcleo, no sentido político do avanço das lutas populares: na direção da formação de redes com demais entidades, no exercício da democracia e cidadania a partir do vínculo da Universidade Pública x Leis;
- Assessorar técnica e metodologicamente os setores excluídos do acesso aos bens materiais e culturais da sociedade em seus processos organizativos comunitários;
- Criar espaços de prática profissional aos alunos do curso de Serviço Social da UFSC.

Seus princípios são:

- Enraizamento do Serviço Social nas lutas sociais e populares;
- Participação democrática dos segmentos populares e comunitários nas ações do Núcleo.
- Assegurar os direitos civis, políticos e democráticos;
- Pautar-se em procedimentos técnico-operativos constitutivos do ser sujeito coletivo.

A metodologia que permeia as ações do NESSOP baseiam-se no método dialético para explicar a dinâmica da realidade social, econômica, política e cultural. Favorece o conhecimento da realidade explicativa da dinâmica social, realizando a socialização do saber enquanto demanda sócio-popular-comunitária.

Possibilita conhecer – planejar – agir – avaliar, o processo construído por todos os sujeitos envolvidos na ação: professores, acadêmicos da UFSC, membros das organizações sócio-popular-comunitárias, profissionais e entidades de classes representativas da sociedade civil, realizando mobilizações e comunicações que atribuam visibilidade e publicização dos Projetos e seus resultados.

2. Processo de Trabalho do Serviço Social junto às Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares – NESSOP/UFSC

A metodologia do trabalho do Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular - NESSOP busca viabilizar a participação, o debate no coletivo, a expressão de lutas, divergências e aproximações relacionadas ao seu objeto/temática: processos de gestão e organização sócio-comunitária popular.

A demanda de assessoria por parte dos grupos organizados populares e comunitários junto ao NESSOP levou-o à criar uma política de formação que envolvesse também assistentes sociais, na direção de metodologias de trabalho popular, conteúdo pouco expressivo nos currículos dos cursos de Serviço Social.

No ano de 2003 o NESSOP inicia as ações do Projeto Oficinas De Trabalho Social com Grupos Populares, sob a coordenação da Assistente Social Simone Matos Machado.

Este projeto, enquanto campo de estágio curricular obrigatório de Serviço Social, contou com as acadêmicas, Nalú Martini Picoli e Karise Roberta Oliveira que, passaram a fazer parte da equipe de execução do Projeto.

De acordo com as Diretrizes de Estágio Curricular do Curso de Serviço Social, no Art.2º, o objetivo do estágio é a capacitação do aluno para o exercício do trabalho profissional, pressupõe supervisão pedagógica sistemática, de responsabilidade do professor supervisor, conjugada à supervisão direta de Assistente Social de campo.

Assim, as Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares buscou proporcionar um espaço de formação para assistentes sociais envolvidos no dia a dia com práticas junto ao setor popular da Grande Florianópolis, propondo e discutindo estratégias pedagógicas (dinâmicas de grupo) que possibilitassem aos sujeitos (grupos populares) uma ressignificação de conceitos sobre si e sobre a sociedade.

O público alvo deste projeto se constituiu de Assistentes Sociais em exercício profissional nos municípios da Grande Florianópolis, ou seja: Governador Celso Ramos, Biguaçu, Antônio Carlos, Angelina, São Pedro de Alcântara, Rancho Queimado, Águas Mornas, Santo Amaro da Imperatriz, Palhoça, Anitápolis, São José e São Bonifácio e Florianópolis

Metodologicamente o Projeto Oficinas foi desenvolvido através de 16 encontros semanais, todas as quintas-feiras a noite das 19:00 horas às 22:00 horas, na sala 07 do anexo II do Centro Sócio Econômico/UFSC, com a duração de três horas. Com exceção de três encontros que foram condensados num único dia, num total de nove (9) horas de trabalho, realizado no Horto Florestal no bairro Córrego Grande. No período de 12 de agosto á 24 de setembro de 2004.

O número de participantes foi de 15 profissionais de Serviço Social com atuação comprovada com grupos populares/comunitários. Fundamentado nos princípios da Educação Popular, o Projeto foi constituído de vivências práticas das dinâmicas de grupo voltadas ao setor popular para, a partir do concreto, apreender seus conceitos implícitos. Os encontros aprofundaram conteúdos a partir de três eixos fundamentais do trabalho grupal: Identidade, Atividade e Poder

Cardoso de Oliveira (1976, p. 4), descreve que a identidade pessoal ou individual e a identidade social ou coletiva estão interrelacionadas como dimensões de um mesmo fenômeno. Os mecanismos de identificação refletem a identidade em processo, assumidas em situações concretas. Segundo Berger & Luckmann (1978, p. 228), "os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social".

Seguindo esta linha de pensamento a identidade é definida pela relação do indivíduo na relação com outros indivíduos, assim de acordo com Laing (1986, p.78), "não

podemos fazer o relato fiel de "uma pessoa" sem falar do seu relacionamento com os outros."

Para Balone (2005)³, "afetividade compreende o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões e reflete sempre a capacidade de experimentar sentimentos e emoções. A Afetividade é quem determina a atitude geral da pessoa diante de qualquer experiência vivencial, promove os impulsos motivadores e inibidores, percebe os fatos de maneira agradável ou sofrível, confere uma disposição indiferente ou entusiasmada e determina sentimentos que oscilam entre dois pólos, a depressão e a eufória.

Desta forma, a Afetividade é quem confere o modo de relação do indivíduo à vida e será através da tonalidade de ânimo que a pessoa perceberá o mundo e a realidade. Direta ou indiretamente a Afetividade exerce profunda influência sobre o pensamento e sobre toda a conduta do indivíduo".

Para Ribeiro (2001) o poder não está localizado exclusivamente no aparelho de Estado, segundo Foucault, "nada mudará a sociedade, se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo e ao lado dos aparelhos de Estado em um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados".

Machado (2005)⁴ salienta que as Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares, foram baseadas num princípio pedagógico, que é a construção do conhecimento através da experiência do grupo, ou seja, a partilha de uma mesma experiência. Olhar, se debruçar sobre ela, analisá-la. Assim o grupo faz uma apreensão de conteúdo, constrói conhecimento não só de modo racional na memória, mas através de diversos sentidos do humano, ao se emocionar, se envolver e se entregar naquele processo. É um princípio

³ Ballone GJ - *Afetividade* - in. PsiquWeb, Internet, disponível em www.psiqweb.med.br, revisto em 16/02/2005)

⁴ Anotações realizadas na orientação pedagógica com a Prof. Simone Matos Machado no dia 17/05/2005.

pedagógico de que a experiência contém em si a possibilidade da construção e de uma conscientização mais profunda sobre uma situação.

De acordo com o IPJ/LESTE (s/d, p. 5). As dinâmicas de grupo possibilitam vivências, que ao serem refletidas e partilhadas permitem um aprendizado pessoal e grupal libertador, possibilitando:

- autoconhecimento como ser único e social;
- exercício de escuta e acolhida do outro como ser diferente;
- experiência de abertura ao outro e participação grupal;
- percepção do todo e das partes, tanto da vida como da realidade que nos cerca;
- desenvolvimento da consciência crítica;
- confronto e avaliação da vida e da prática;
- tomada de decisão de modo consciente e crítico;
- sistematização de conteúdos, sentimentos e experiências;
- construção coletiva do saber.

Vizzolto, (1995, p. 07) conceitua a dinâmica como sendo:

[...] uma série de pequenos instrumentos e expedientes utilizados para dinamizar as discussões. Representam maneiras de adequar as condições externas à aprendizagem, a fim de provocar modificações de comportamentos desejáveis do grupo, como: participação, interesse, colaboração, solidariedade e interação com os demais.

Para Korosue (2004) ter clareza de onde quer se chegar, qual o objetivo e a função da dinâmica dentro do processo a ser desenvolvido é fundamental, pois a dinâmica como um instrumento de trabalho, possibilitando um clima de espontaneidade em que os participantes sintam-se à vontade para a partilha da experiência feita.

2.1 O Processo de Intervenção

O processo de trabalho do Serviço Social no projeto Oficinas contou com os seguintes momentos: Planejamento, Execução e Avaliação.

O Planejamento era realizado semanalmente entre as estagiárias e a coordenadora da Oficina. Neste momento era feito uma avaliação do processo que se viveu nos encontros anteriores e, a partir desta avaliação planejava-se o próximo encontro. Também eram discutidas algumas categorias que brotavam do processo vivenciado, para entendermos as atitudes de resistência, de acolhimento que se manifestavam nos profissionais participantes das Oficinas.

Na Execução aconteciam os encontros pedagógicos semanais com duração de três horas, nesse momento havia um processo onde a Assistente Social, coordenadora e ministrante do curso e as duas acadêmicas/estagiárias desenvolviam um processo de observação participante fazendo o olhar a partir de algumas categorias que a equipe definiu, são elas: Nível de participação nas atividades propostas; Assiduidade; Nível de criticidade e criatividade; Estabelecimento de relações interpessoais.

No momento da Avaliação era analisado todo o processo ocorrido durante a execução da Oficina.

Para Gil (1994. pp. 107-108) “A observação participante , ou observação ativa, consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada”

2.2 Seleção dos Profissionais

Por se tratar de projeto de execução oferecido por uma Universidade Pública, o acesso à Oficina deveria ser possível ao universo dos profissionais em atuação na grande

Florianópolis. Neste sentido tornou-se imprescindível a parceria com o Conselho Regional de Serviço Social – CRESS-12 região.

A partir destes dados o Projeto Oficinas foi divulgado através de material informativo emitido à todos os Assistentes Sociais da Grande Florianópolis cadastrados no Conselho Regional de Serviço Social – CRESS-12 região, num total de 725 correspondências, destes 38 interessaram-se pelo Projeto e enviaram via e-mail a ficha de inscrição contendo seus dados e a atuação do candidato.

A seleção foi realizada pela assistente social e coordenadora do projeto Simone Matos Machado, utilizando os seguintes critérios: Ser Assistente Social em exercício profissional na grande Florianópolis e; Ser Assistente Social em exercício profissional na grande Florianópolis vinculado a ações ou projetos com grupos populares/comunitários. No total foram efetuados 16 encontros em sala e um encontro no Horto Florestal do Córrego Grande, equivalente a três encontros.

A seguir o quadro dos 15 profissionais selecionados:

Nome do profissional	Instituição	Perfil do(s) grupo(s) com o(s) qual (is) trabalha	Município atingido pela ação profissional
Bráulia Delma dos Santos	Associação de Moradores da Costa da Lagoa/UFECO	Grupos de moradores/Associação de Moradores da Costa da Lagoa	Florianópolis
Carlos Alberto Raulino Jr.	Centro de Integração Escola Empresa - CIEE	Grupos de adolescentes de comunidades empobrecidas da Grande Florianópolis	Grande Florianópolis
Celita Zapelini dos Reis	Assessoria a projetos de moradia popular financiados pela CEF	Grupo de moradores de condomínios ou moradias populares	Grande Florianópolis
Emiliana Vargas	Ação Paroquial dos Ingleses e Centro Comunitário Madre Paulina	Grupos de moradores da Favela do Siri - Ingleses	Florianópolis

Fabiola Carolina da Silva	Ação Paroquial dos Ingleses e Centro Comunitário Madre Paulina	Grupos de moradores da Favela do Siri - Ingleses	Florianópolis
Graziela da Rosa Vieira Ataíde	Prefeitura Municipal de São José	Grupos de adolescentes em situação de risco social - encaminhamento para o mercado de trabalho	São José
Iliane Turnes	Prefeitura Municipal de São José	Grupos temáticos com famílias empobrecidas - Família Cidadã	São José
Kelly Cristina da S. Jacques de Faria	Associação de Coletores de Materiais Recicláveis de Florianópolis	Grupo de coletores de materiais recicláveis	Florianópolis
Leticia Zimmermann	Prefeitura Municipal de São José	Grupo de famílias empobrecidas- Família Cidadã	São José
Maristela Pereira de Souza	Núcleo de Estudos Negros	Grupo de moradores das comunidades Vila Aparecida, Forquilha, Loteamento Laranjeiras	Florianópolis São José Palhoça
Marlene Zulian	Assessoria a condomínios populares - CEF	Grupo de moradores de condomínios e moradias populares	Grande Florianópolis
Regina Célia da Silva Suenes	Prefeitura Municipal de São Pedro de Alcântara	Grupo comunitários de mulheres e idosos.	São Pedro de Alcântara
Roberta Carolina da Silva	Prefeitura Municipal de Governador Celso Ramos	Grupo comunitários de mães, idosos, capacitação de conselheiros tutelares, cooperativas populares de produção.	Governador Celso Ramos
Rosana Cristina Dias Aragão	ONG Moradia e Cidadania	Grupos de moradores em habitações populares	Grande Florianópolis
Tais Coelho da Silva	Lar Fabiano de Cristo	Coordena 9 (nove) grupos de adolescentes provenientes da região Monte Cristo	Florianópolis e São José

2.3 Quadro demonstrativo das Oficinas

OFICINA	DATA	OBJETIVOS	DINÂMICA PEDAGÓGICA	CATEGORIAS TRABALHADAS	OBSERVAÇÕES
I - Anexo F -	12/08/2004	. Apresentar e discutir a proposta do Projeto. . Apresentação dos participantes.	Quem somos?	Identidade Afetividade	. Ficou evidente na fala dos presentes a preocupação com o dualismo erro X acerto
II - Anexo G -	19/06/2004	. Discutir o tema: "Aspectos históricos da relação do Serviço Social com a Educação Popular".	Aula expositiva interativa	Identidade	. A dinâmica propiciou um olhar para as origens do Serviço Social, suas contradições e movimentos em torno do compromisso profissional com os setores populares
III - Anexo H -	26/08/2004	. Apreender as relações de poder exercidas pelo coordenador de grupo através de vivências coletivas. . Dar consciência das diferentes formas de coordenar um grupo através das posturas: autoritária, democrática e liberal.	. Teste pessoal ⁵ para se avaliar como coordenador. . Dinâmica dos tipos de coordenação	Poder	. A dinâmica deu a oportunidade aos profissionais de se colocarem no papel de participantes - membros do grupo e reagir às diferentes posturas de coordenação.
IV - Anexo I -	02/09/2004	. Discutir o tema: "Dinâmicas de grupo"	. Aula expositiva interativa. . Dinâmica do nó	Poder Afetividade	. A dinâmica estabelecida evidenciou comportamentos autoritários, passivos, democráticos do individual ao coletivo.
V - Anexo J -	09/09/2004	. Apreender a categoria Identidade através de vivências coletivas.	. Dinâmica do alimento	Identidade Afetividade	. A experiência deu visibilidade à história e à cultura dos participantes.
VI - Anexo L -	16/09/2004	. Discutir a questão da desigualdade social.	. Filme: "Amor sem fronteiras"	Poder Afetividade	. O filme trouxe à consciência a condição subumana das populações do continente africano.
VII - Anexo M -	23/09/2004	. Apreender a categoria Identidade através de vivências coletivas.	. Dinâmica da construção coletiva	Identidade Afetividade Poder	. Primeiro desafio coletivo enfrentado pelo grupo, exigindo criatividade e negociação de interesses individual em favor de uma produção em grupo.
VIII - Anexo N -	30/09/2004	. Apreender a categoria Afetividade através de vivências coletivas.	. Dinâmica do bilhete . Dinâmica do nó	Afetividade Identidade Poder	. A dinâmica favoreceu a aproximação entre as pessoas, o olhar para o outro, o dar e receber afeto.

⁵ Anexo B

IX - Anexo O -	07/10/2004	<ul style="list-style-type: none"> . Apreender a categoria Afetividade em situações de inclusão/exclusão pela diferença. . Identificar as diferenças entre o trabalho individual e o coletivo. 	<ul style="list-style-type: none"> . Dinâmica dos bonecos . Dinâmica da bala 	Afetividade Identidade Poder	<ul style="list-style-type: none"> . O grupo revelou abertura para aceitar as diferenças. . Na dinâmica da bala instaurou-se um processo competitivo.
X - Anexo P -	14/10/2004	<ul style="list-style-type: none"> . Discutir a questão do preconceito, desigualdade social e da dominação cultural. 	Filme: "Geração roubada"	Poder Identidade	<ul style="list-style-type: none"> . O filme trouxe à consciência o espírito de luta de pessoas violentadas em sua identidade cultural.
XI, XII e XIII - Anexo Q -	29/10/2004	<ul style="list-style-type: none"> . Discutir a questão da estrutura social, dominação de classes no Brasil, bem como, as relações de poder entre grupos de interesse. . Aprofundar os laços de afetividade entre os membros do grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> . Dinâmica dos cegos e amarrados. . Dinâmica da mala. . Dinâmica do nó. 	Poder Afetividade	<ul style="list-style-type: none"> . A dinâmica pedagógica utilizada propiciou um olhar crítico para as relações de dominação existentes na sociedade brasileira, relações estas que se expressam em âmbitos mais restritos, como nos grupos de interesse (Foucault).
XIV - Anexo R -	04/11/2004	<ul style="list-style-type: none"> . Construir coletivamente o conteúdo do discurso dos participantes na cerimônia de encerramento das oficinas. 	Discussão coletiva	Identidade Poder	<ul style="list-style-type: none"> . O encontro favoreceu a negociação de interesses particulares na direção de um processo coletivo.
XV - Anexo S -	11/11/2004	<ul style="list-style-type: none"> . Avaliar o conteúdo apreendido pelos cursistas durante as oficinas. 	<ul style="list-style-type: none"> . Aplicação de dinâmicas de grupos a partir da criatividade dos cursistas. 	Identidade	<ul style="list-style-type: none"> . O resultado final revelou o comprometimento dos cursistas com o conteúdo ministrado pelas oficinas. Em relação à postura dos coordenadores, percebeu-se uma interferência forte de suas opiniões sobre as dos outros participantes.
XVI - Anexo T -	18/11/2004	<ul style="list-style-type: none"> . Avaliação geral das oficinas. 	<ul style="list-style-type: none"> . Avaliação escrita⁶ a partir de um questionário elaborado pela equipe coordenadora. . Avaliação a partir das falas dos participantes. . Dinâmica da teia. 	Afetividade Identidade Poder	<ul style="list-style-type: none"> . A avaliação final demonstrou que as estratégias utilizadas possibilitaram a ampliação de conceitos, particularmente àqueles ligados às categorias eleitas: afetividade, identidade e poder. . Percebeu-se também a necessidade de prosseguir com o Projeto.

⁶ Anexo C

XVII	25/11/2004	. Cerimônia de encerramento .	. Abertura . Discursos . Entrega dos certificados e material didático aos cursistas. . Coquetel de confraternização.	Afetividade Identidade Poder	. A partir dos discursos ficou claro a importância do Projeto para a categoria profissional do Assistente Social, bem como para a academia, que inaugurou no Departamento de Serviço Social um espaço de formação voltado às práticas profissionais com o setor popular.
- Anexo U -					

3. Análise e avaliação da experiência

A execução do projeto em pauta inaugurou na UFSC um momento histórico, necessário à qualificação profissional daqueles que atuam diretamente com os setores excluídos da sociedade. O perfil sócio econômico, grau de escolaridade, insegurança material e emocional dos moradores em comunidades de risco social, geralmente localizadas em áreas insalubres (mangues, dunas, morros) necessita de formas pedagógicas que gerem a inclusão com respeito e dignidade humanas.

Avaliar significa construir momentos reflexivos que permitam aos indivíduos a análise da realidade e dos fatos, para direcionarem suas ações aprendendo pela experiência, fazendo o diagnóstico do problema e corrigindo o curso da ação.

Segundo Baptista (2000), a avaliação está presente dialéticamente em todo o processo de planejamento, tanto em sua elaboração, quanto na sua execução. Baptista (2000, p. 115) enfatiza que, “[...]o exercício da avaliação busca uma permanente adequação do planejado e do executado à intencionalidade do planejamento, considerando a dinâmica das variações e desafios permanentes postos na situação enfrentada”.

A avaliação prática do Serviço Social junto às Oficinas foi realizada após cada encontro, através de reuniões semanais com a assistente social coordenadora e supervisora e as duas acadêmicas estagiárias curriculares, buscando avaliar a prática no encontro anterior, seu alcance, o conhecimento construído, os participantes, suas reações e suas transformações.

Os resultados deste processo de avaliação foram coletados a partir de um questionário aplicado aos profissionais, cujos dados estão expostos em três gráficos:



A metodologia utilizada na Oficina



Observando a vivência de cada dinâmica foi possível perceber a sensibilização e a comunicação do grupo, articulada com a experiência dos participantes. Isto, certamente, contribuiu para uma prática reflexiva de nossa formação profissional. Segundo Vieira (1978, p. 165),

O trabalho de grupo constitui um processo de serviço social que visa, por meio do grupo e de suas atividades, ajudar o indivíduo a resolver problemas pessoais de relacionamento, de funcionamento correto na sociedade e desenvolver sua personalidade, a fim de se tornar um membro útil à comunidade onde vive.

Para Vieira, “grupo é a união de duas ou mais pessoas que se conhecem, tem consciência de suas relações mútuas e se unem para satisfazer interesses ou necessidades comuns” (Vieira, 1979, p. 128).

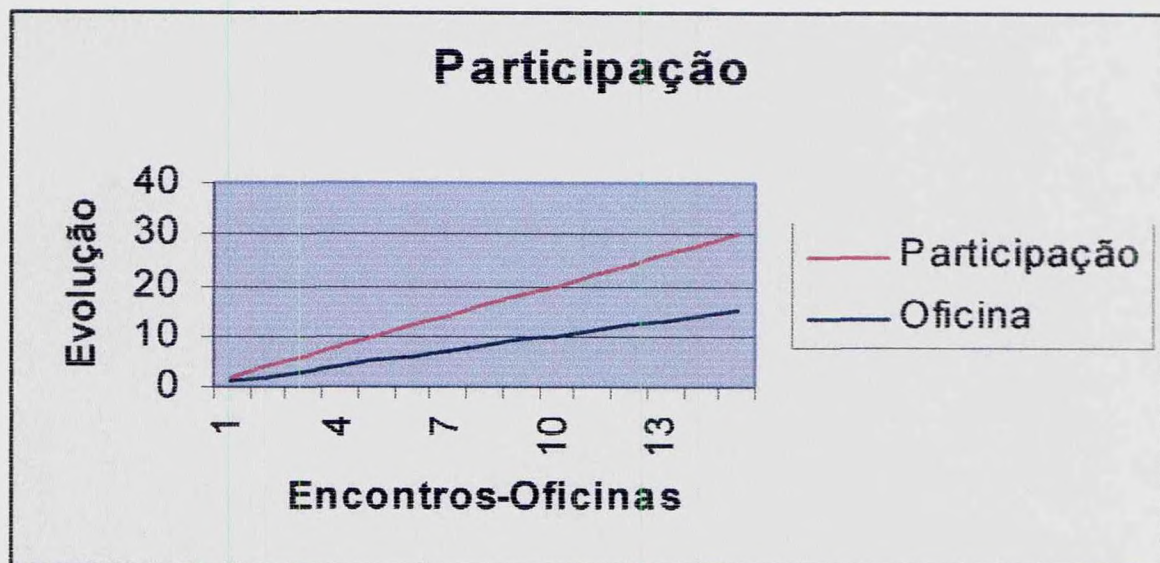
Machado (2004) em discurso proferido na Cerimônia de Encerramento salienta que... “O desafio de buscar métodos, instrumentais técnico-operativo capazes de libertar as amarras que impedem nossa população empobrecida de decidir com consciência os rumos das políticas sociais, ou seja o exercício efetivo do controle social destas políticas, fez com que o NESSOP promovesse um espaço pedagógico de discussão dos elementos da prática profissional do Serviço social aliados aos princípios da educação popular [...] Para o NESSOP, enquanto academia, tornou-se uma busca fundamental construir propostas

interventivas para o serviço social que realmente promovam a inclusão social para esta grande parte da população brasileira com pouca escolaridade, onde os métodos acadêmicos convencionais na maioria das vezes, tornam-se insuficientes para promover o conhecimento e a alteração da consciência destes sujeitos no sentido da sua autonomia e libertação”[...]

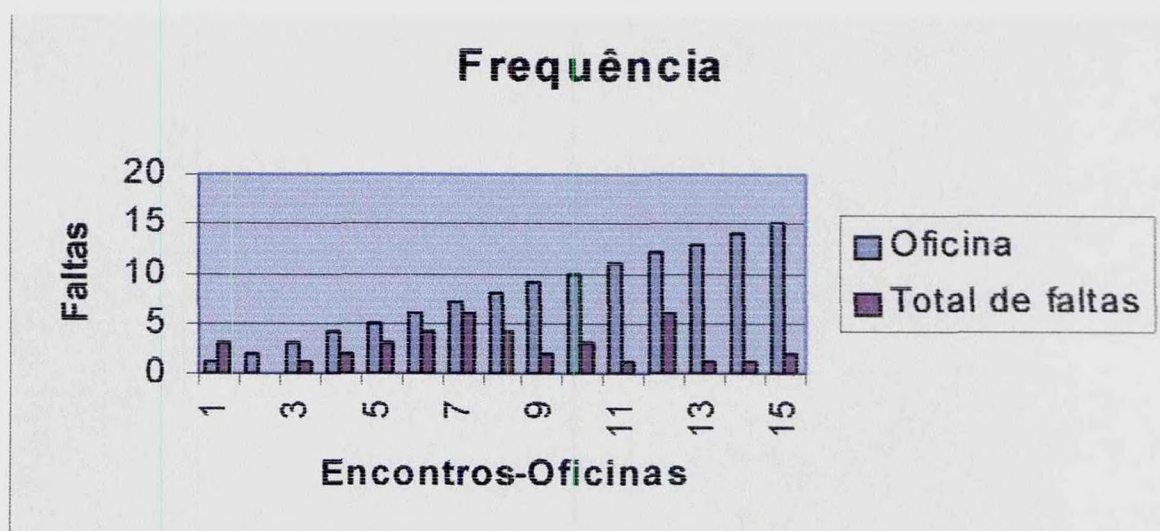
As Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares “são um espaço pedagógico que acrescenta ao saber, o saber-fazer. Vivenciar as Dinâmicas é deixar-se afetar profundamente pela vida. Vida que existe em cada um de nós e está particularizada por processos culturais; é o conhecer-se no mundo e reconhecer o mundo e com este transformar e ser transformado” [...] (Discurso proferido pelos participantes do projeto na cerimônia de encerramento).

Com o término do Projeto, percebemos os resultados alcançados, através dos seguintes indicadores:

- Nível de participação nas atividades propostas: como em qualquer grupo, percebemos que algumas pessoas destacam-se nos trabalhos sugeridos, mas, em geral, todos desempenharam bem suas funções, evoluindo em cada encontro, conforme podemos ver através do gráfico:

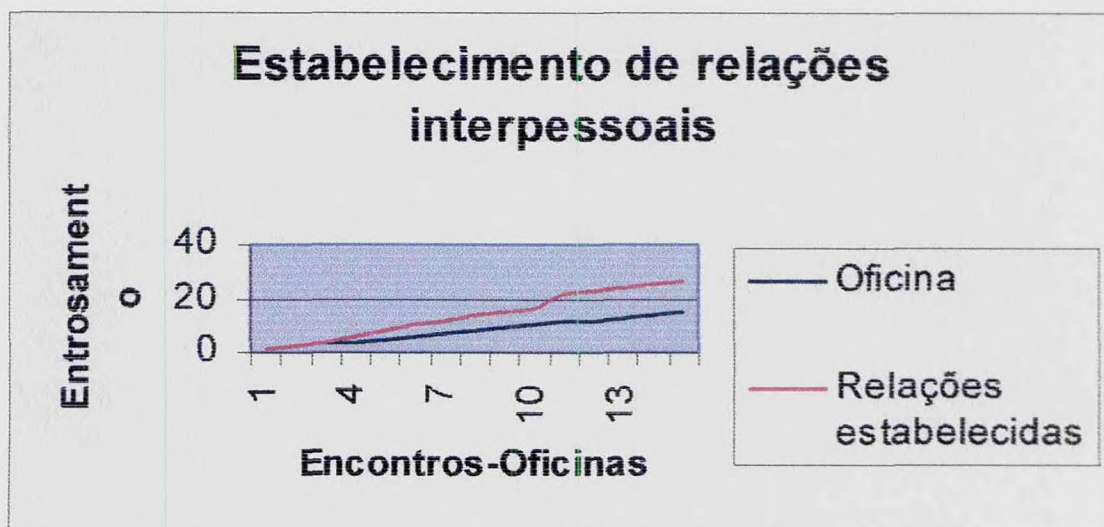


- **Assiduidade:** a frequência dos cursistas foi boa, uma vez que as faltas, em geral, ocorreram devido a compromissos profissionais. Também percebemos um acentuado interesse de cada aluno, pois eles procuravam justificar as faltas e inteirar-se dos conteúdos ministrados na Oficina que não compareceram. Este certamente é um dado positivo. O gráfico a baixo apresenta o número de faltas em cada Oficina.



- **Nível de criticidade e criatividade:** o grupo sempre trouxe sugestões e suscitou debates relevantes sobre os temas tratados em cada dinâmica. Este dado revela o interesse pelo curso e a necessidade de trabalhar com a temática Educação Popular.
- **Estabelecimento de relações interpessoais:** em cada encontro percebíamos a evolução do entrosamento entre os participantes. A constituição dessa relação de companheirismo e amizade propiciou o surgimento de uma rede, essencial para o desenvolvimento do trabalho coletivo.

O gráfico à seguir irá ilustrar essa situação:



- Viabilização do Projeto: analisando os indicadores acima, percebemos que as Oficinas alcançaram seus objetivos, capacitando os assistentes sociais a trabalhar com grupos populares. O interesse, a participação, a frequência e a formação de uma rede comprovam a necessidade de que este curso, pioneiro na área, perdure.

Há tempos, intelectuais se esforçam no sentido de pensar gestões de políticas urbanas e mecanismos de democracia direta, defendendo uma espécie de “participação popular”, concomitante ao governo. No entanto, nota-se a falta de consciência política dos moradores e um comodismo das “lideranças intelectuais”, uma vez que estas não se empenham em “distribuir” o conhecimento político.

A dominação subjetiva, imposta pela mídia, é a arma mais cruel do capitalismo, pois homogeneiza nossa sociedade. Formar a opinião das massas em prol dos interesses de uma minoria arrogante e gananciosa é o intuito dos detentores do capital.

Não é por acaso que é tão difícil, principalmente para o assistente social, trabalhar com comunidades. Quanto mais carente financeiramente, mais fragilidade intelectual e psicológica enfrentam. Desta forma, os meios de comunicação (principalmente a TV) capturam facilmente a subjetividade dessas pessoas, alienando-as.

Segundo Tomazi (1993) a cada ano surgem mais Movimentos Sociais, pois o Estado mostra-se incapaz de satisfazer as necessidades de diversos grupos sociais. É uma infinidade de grupos que refletem o descaso do Estado para com eles. Ou é o preconceito, o desemprego, a falta de moradia, salários defasados, descaso com o meio ambiente, com a criança, com o idoso, com a educação, saúde. As necessidades são inúmeras, mas mais do que nunca, a sociedade civil se organiza para conseguir o que é seu por direito e foi negado durante muito tempo. A mobilização da sociedade civil é muito importante para nos fazermos escutar.

Assim, os movimentos sociais populares vão ocupando o seu lugar na sociedade, contribuindo para construir a cidadania e atuando diretamente no seio da sociedade civil. Representam a possibilidade de fortalecimento desta em relação ao aparelho de Estado e perante a forma tradicional do agir político por meio dos partidos, entretanto se apresentam de uma maneira fragmentada, numa série de pequenos grupos.

Como afirma Antunes (1997, p. 117),

Decisivo aqui é referir que a consciência é originada no interior da vida cotidiana. É na cotidianidade que as questões são suscitadas e as respostas dos indivíduos e das classes são uma constante busca de indagações que se originam na vida cotidiana, onde as questões lhes são afloradas. As respostas às questões mais complexas são, entretanto, mediatizadas.

Devendo ocorrer um reconhecimento do ser no outro e, particularmente, no gênero humano, entretanto, as classes sociais, segundo Antunes (1997), particularizam e limitam o ser social, e a genericidade cai numa profunda abstração, pois o homem que pertence a determinada classe não se reconhece no outro, que pertence a outra classe. Na perspectiva do capital, os projetos individuais são conformados aos interesses de uma classe social econômica e socialmente dominante, fazendo-se crer que há liberdade para promover as potencialidades humanas.

Os movimentos populares há muito contribuem na democratização da sociedade e expõem de forma concreta as feridas da exclusão social. No Brasil, representam historicamente um conjunto bastante amplo e plural de organizações, mobilizações que se articulam, cuja capacidade de pressão e conquista de reivindicações e de mudanças sociais variam de acordo com a organização destes movimentos. Um exemplo disso são as associações de moradores que, na sua especificidade de intervenção do cenário brasileiro, têm produzido alterações significativas no processo democrático de nosso país.

Refletindo sobre sua heterogeneidade, Peruzzo (1998, pp.44-46), reconhece as diversas formas pelas quais os movimentos sociais podem se agrupar: ligados aos bens de consumo coletivo, envolvidos na questão da terra, relacionados com as condições gerais de vida, motivados por desigualdades culturais, dedicados à questões trabalhistas, voltados à defesa de direitos humanos ou vinculados a problemas específicos.

Nossas ações profissionais, portanto, devem ser guiadas pela percepção da realidade na qual esses atores sociais estão inseridos, atentando para a transformação da mesma através da mobilização coletiva da comunidade, de forma democrática e participativa.

O assistente social que atua com grupos populares deve ter em mente que as práticas pedagógicas tradicionais, autoritárias e repressivas, desconsideram o saber e a cultura do povo, refletindo uma postura dominante. Assim, percebe-se a importância da busca por uma educação libertadora, visando à transformação da sociedade.

Para Kisnerman (1997 apud Rodrigues 1978 , p. 16-17), o assistente social tem um papel de orientador já que, ao compreender as necessidades de um grupo e dos indivíduos que o integram, deve prestar ajuda, guiando ou orientando o processo para que

o próprio grupo atinja a satisfação destas necessidades. Nesse sentido o assistente social orienta o grupo para:

- organizar-se como tal, impulsionando os membros a pensa, sentir e atuar com consciência de grupo;
- determinar, com precisão, seus objetivos e organizar um programa, encontrando os meios para que os membros se lancem à ação;
- estruturar situações que favoreçam a integração;
- descobrir os recursos potenciais de cada membro;
- compreender suas próprias necessidades e limitações, para que possa tomar decisões de acordo com seu nível de desenvolvimento;
- reconhecer, enfrentar e solucionar seus problemas internos;
- integrar-se no programa da instituição e projetar sua ação na comunidade;
- avaliar seu processo;
- estabelecer relações positivas com outros grupos;

Nesse sentido, a “Educação Popular entra em cena, estabelecendo o homem como sujeito do processo, maximizando a possibilidade de superação do modelo atual de sociedade” (Korosue, 2004, p. 37).

Corroborando com as análises de Abreu (2002), Silva (2002) e Parisoto (1983) apud Korosue (2004, p. 31),

[...]a educação popular é concebida como instrumento da prática profissional, constituindo-se como uma alternativa pedagógica do trabalho social junto às classes subalternas e contribuindo para o redimensionamento da relação profissional com os setores populares, com base no reconhecimento de papéis e funções diferenciadas, porém complementares, desses sujeitos no processo político educativo.

As dinâmicas de grupos aparecerem como importantes instrumentos metodológicos de trabalho, privilegiando formas alternativas de expressão e construção de conhecimento. Assim, possibilitam vivências que ao serem refletidas e partilhadas gestam

um aprendizado pessoal e grupal libertador, de auto-conhecimento, acolhida e consciência crítica.

Para Falcão, (1986, p.45):

As práticas desenvolvidas pelo Serviço Social junto aos grupos populares supõem a criação de uma infra-estrutura que se traduz em canais e fluxos contínuos de informação. Ela é condição instrumental que amplia as possibilidades de leitura crítica da realidade, subsidia a reflexão, decisão e ação. Permite fundamentalmente aos grupos de usuários das instituições apropriarem-se dos serviços que lhes são destinados.

Korosue (2004)⁷ realiza uma entrevista com a assistente social Simone Matos Machado, onde faz questionamentos quanto ao trabalho com grupos populares. Segue na íntegra a entrevista:

1. Que influências teórico-metodológicas você tem como profissional de Serviço Social no trabalho com grupos populares?
 - Especificamente falando do trabalho do Serviço Social com grupos populares minhas influências remontam aos anos 80, com as contribuições da teoria da Educação Popular, cujo maior expoente foi o pedagogo Paulo Freire. Ao longo de quatro anos fiz um processo de formação em Educação Popular, na ONG Instituto do Homem, de Porto Alegre, onde pude aliar os conhecimentos adquiridos com a teoria clássica do Serviço Social com grupos à metodologia da Educação Popular.
2. Que categorias surgem, enquanto Serviço Social, com a prática com grupos populares?
 - Nos processos de grupo, em minha análise e experiência surgem basicamente três categorias: Identidade, Poder e Afetividade.
3. Por que utilizar dinâmicas de grupo como instrumento de trabalho?

- Porque acredito que o trabalho do Serviço Social deva buscar a emancipação, a transformação social, portanto, deve buscar uma pedagogia de trabalho que construa o conhecimento a partir dos sujeitos envolvidos. Partir do concreto, da experiência, para construir o conhecimento, a consciência. Este é o pressuposto implícito nas dinâmicas de grupo. As dinâmicas são espaços pedagógicos de práticas sociais onde os sujeitos experimentam atitudes, decisões, sentimentos para serem analisados posteriormente, a partir deles próprios que fizeram a ação.

Através da criação da concepção de educação popular, Freire (1987), consolidou um dos paradigmas mais importantes da pedagogia contemporânea, fazendo o rompimento radical com a educação elitista e comprometendo-se verdadeiramente com o ser humano. Portanto para Freire (1987, p. 58) os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber.

Korosue (2004, p.36-37) afirma que esta concepção de educação, designada por Freire (1987) como “bancária”, “consiste no ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, na qual o educador do conteúdo narrado, e o educando constitui-se como mero objeto, cuja ação que se oferece é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”.

Pela busca por uma educação libertadora, Freire, nos faz refletir sobre a efetiva contribuição para que haja a transformação de uma sociedade democrática visando um projeto educacional democrático e libertador, lutando pela superação da opressão e das

⁷ Korosue, Aline. Trabalho de conclusão do curso de Serviço Social, 2004.2.

desigualdades sociais, construindo a teoria do conhecimento com base no respeito pelo educando, na conquista da autonomia e no diálogo enquanto princípios metodológicos.

Portanto para Korosue (2004. p. 36) “o assistente social como profissional que atua nas camadas mais desprovidas da sociedade, precisa ter claro esse entendimento quanto às práticas pedagógicas tradicionais, suas intenções e sua finalidade, para que não caia na armadilha da simples reprodução das relações estabelecidas na sociedade emergente, promovendo a manutenção de um sistema baseado na desigualdade, nas relações hierárquicas de poder e na opressão”.

Segundo Feitosa (1999) o relacionamento educador-educando nessa perspectiva se estabelece na horizontalidade onde juntos se posicionam como sujeitos do ato do conhecimento. Elimina-se portanto toda relação de autoridade uma vez que essa prática inviabiliza o trabalho de criticidade e conscientização.

É neste desafio, que o Assistente Social, constituindo-se como educador político (Iamamoto), tem a oportunidade de criar e recriar em seu cotidiano profissional, espaços de conscientização, de transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haverá educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como um ser inacabado, está em constante busca. Eis aqui a razão da educação” (Paulo Freire).

Neste estudo conseguimos aliar a teoria com a prática, na busca de uma formação profissional transformadora, participativa e libertadora. Através da superação de obstáculos e da união conseguimos fazer a articulação dos conhecimentos teóricos com a realidade dos grupos populares.

Em decorrência da globalização e da política neoliberal vem se propagando em nosso país, reduzindo as conquistas sociais e o acesso aos direitos sociais. Assim faz-se necessário abrir campo para uma proposta de emancipação social.

O Projeto Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares inaugurou no Departamento de Serviço Social um novo momento de aperfeiçoamento da prática profissional do assistente social com grupos populares, resgatando a essência da profissão com as lutas populares, realizando reflexões acerca das atividades do seu dia a dia, fazendo uma leitura crítica da realidade onde o profissional e a classe popular estão inseridos.

Geralmente, as pessoas pouco ouvem o que os outros tem a dizer, este espaço pedagógico permitiu que o profissional de serviço social vivenciasse dinâmicas, aprendendo a ser crítico, a socializar-se a buscar alternativas para novos caminhos, traçando a construção da cidadania, da autonomia e da democracia, realizando a reflexão de suas práticas.

Os encontros proporcionaram aos cursistas uma reflexão sobre o ato de ouvir e de escutar, da importância do diálogo, da conversa, assim para Freire (1987, p. 77) “não há

palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”.

Para Kisnerman (1980, p. 59) “o serviço social deve criar uma dinâmica interna que coloque os membros de um grupo numa disposição ativa crítica, e responsável, através de sua participação, em situação de abordar suas dificuldades e problemas com objetivo de transformar uma dinâmica externa que os permita interrelacionarem-se com outros grupos, em movimentos globais de mudança”.

O referido autor trabalha com a concepção de transformação, onde o sujeito é capaz de ter uma visão crítica da realidade a qual está inserido, objetivando concretizar atividades transformadoras.

Esta concepção pode ser aplicada ao nosso trabalho pois na perspectiva de transformação o serviço social vê o homem como um ser inacabado, em constante busca pelo conhecimento, pelo resgate da cidadania, pela conquista da autodeterminação. Com essa visão o serviço social teve a possibilidade de auxiliar o grupo em um processo transformador na construção de suas relações pessoais e grupais, baseadas na humanização, na solidariedade, nas atitudes e na justiça

O projeto Oficinas teve como objetivo promover um espaço para capacitar assistentes sociais a utilizarem dinâmicas de grupo que busquem a inclusão e participação da população empobrecida, fazendo uma educação libertadora e transformadora, no sentido de compreensão das relações de classe.

Para Moscovici (1975, p. 5) “aprender vivendo os conceitos e não apenas ouvindo ou lendo informações a respeito, pode significar mudança marcante nos processos cognitivos e emocionais do treinado”. Dessa forma, o profissional ao experimentar, vivenciar as dinâmicas lhes permite explorar e descobrir cognitivamente e afetivamente ações e relações.

Segundo Rodrigues (1979, p. 71) apud Beal (1972) “ás técnicas, quando utilizadas de maneira apropriada e dentro de um ambiente social normal, têm o poder de ativar motivações e impulsos dos indivíduos, estimulando os elementos da dinâmica interna e externa e acionando o grupo na direção dos seus objetivos”.

Na perspectiva em que aqui nos colocamos, pontua-se a atuação do profissional de Serviço Social de uma forma emancipatória e crítica, visualizando o grupo como sujeitos e não como objetos de intervenção, vendo-os como sujeitos de transformação. Desta forma, a educação popular proporciona a participação popular no processo de discussão e decisão, fazendo a busca por uma sociedade mais igualitária e estabelecendo uma relação com o projeto ético-político do profissional de Serviço Social.

O projeto Oficinas mostrou a importância da prática do Serviço Social numa abordagem grupal, estando claro na fala dos participantes do curso, proferido no discurso de encerramento [...] “Nascemos do outro. Vivemos com o outro. Nos completamos no outro. Assim, construímos uma sociedade em grupo [...] As vivências contêm um instrumental teórico-metodológico que são a base para a reflexão e interpretação da realidade apresentada. [...] Não obstante, esta técnica propicia a construção do conhecimento a partir da experiência em grupo onde o concreto vivenciado torna-se campo fértil de saberes, a partir da partilha e da percepção de diferenças, humanizando as relações e alterando concepções de mundo. [...] O “Curso Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares” propiciou-nos perceber que participar do aprendizado sobre as vivências grupais é mais do que saber; é o próprio exercício da apreensão de uma consciência sobre o coletivo. Neste processo, o Assistente Social também se liberta, pois a partir da troca e da participação, ocorre a quebra de regras rígidas contidas no determinismo metodológico”.

Diante do exposto, como estagiária do projeto Oficinas sugiro a continuidade do curso, não apenas para profissionais de Serviço Social, mas oportunizar estudantes do curso de Serviço Social a vivenciar essa prática, afim de oferecer instrumentos técnico operativos que efetivamente contribuam para a transformação social.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaíos sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1997.
- ABREU, M. M. **Serviço Social e organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.
- ARCOVERDE, Ana Cristina Brito. **Ocoletivo ilusório: uma reflexão sobre o conceito de comunidade**, 1985. Recife, UFEPE, 1985.
- BAPTISTA, M. V. **Planejamento Social: Intencionalidade e instrumentação**. São Paulo: Veras Editora, 2000.
- BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade. Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BEAL, George M. e outros. **Liderança e Dinâmica de Grupo**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 6 edição, 1972.
- BOFF, C. Como trabalhar com o povo: metodologia do trabalho popular. 6. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes: 1986.
- CARVALHO, Alba Maria Pinho. **O Serviço Social nas relações sociais: a questão da assistência**. In: ANAS. O Serviço Social nas relações sociais, movimentos populares e alternativas de políticas sociais. São Paulo, Cortez: 1987.
- DIAS, Maria Esther B. **A dialética de cotidiano**. São Paulo Cortez, 1982
- FALCÃO, Maria do Carmo. **A prática direta no Serviço Social**. Cadernos PUC, São Paulo, 10, 1981.
- FALCÃO, Maria do Carmo. **Proposta de uma abordagem metodológica a partir do movimento popular**. Caderno Práxis nº 3. São Paulo, Cortez, 1986.
- FALEIROS, Vicente de Paula. **Metodologia e Ideologia da Trabalho Social**. 6 edição, São Paulo: Cortez, 1986.
- FEITOSA, Sonia Couto Souza. como parte da dissertação de mestrado defendida na FE-USP intitulada: "**Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação**". 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 edição, São Paulo. Atlas, 1994.

_____. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.ufsc.br/conhecaufsc/historico>>. Acesso em 13/05/2005.

IAMAMOTO, Marilda Villela, & CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**. São Paulo. Cortez: 1986.

IPJ/ LESTE - INSTITUTO DA PASTORAL DA JUVENTUDE. **Recriando experiências: técnicas e dinâmicas para grupos**. 3.ed. Paulus, s/d.

KISNERMAN, Natálio. **Sete estudo sobre o serviço social**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

KISNERMAN, Natálio. **Serviço social de grupo**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1997.

KOROSUE, Aline. **A contribuição do Serviço Social na construção de empreendimentos autogeridos: uma experiência na Cooperativa de Confecções Industriais e artesanais do município de Biguaçu**. 2004/1. TCC (Serviço Social).UFSC, Florianópolis, 2004.

KLEINSCHMIDT, Karin & SILVA, Jorgina Maria da. **Movimento popular e Serviço Social**. Petrópolis, Vozes, 1984.

LAING, Ronald D. Identidade Complementar. In: **O Eu e os Outros- O Relacionamento Interpessoal**. Petrópolis: Vozes. 1986.

LIMA, Telma Cristina Sasso. **A Intervenção profissional do Serviço Social: propondo o debate Sobre Ações sócio-Educativas**. In.: **Anais do IX ENPESS-Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**.

MACIEL, Mariana & CARDOSO, Franci Gomes. **Metodologia do Serviço Social: apráxis como base conceitual**. Cadernos ABESS, São Paulo. 3, 1989.

MACHADO, Simone Matos. **As matrizes teóricas do Serviço Social no Brasil: aporte para a compreensão da prática profissional na atualidade**. 2005

MENEGASSO, Maria Ester. **A prática do assistente social no Serviço Social de extensão de pesca em Santa Catarina**. 1989. Dissertação de mestrado.

_____. et al. Encontro Estadual de assistentes sociais. In: V Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, São Paulo, dez. 1985.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento Interpessoal**, Livros Técnicos e Científicos. Rio de Janeiro, Editora S.A, Educação de Laboratório, 1975.

MOTA, Ana Elizabete da. **O feitiço da ajuda**. 2 edição, São Paulo: Cortez, 1987

NETTO, José Paulo, & FALEIROS, Vicente de Paula. **Teoria, método e história na formação profissional**. Cadernos ABESS, São Paulo, 1: 1986.

OLIVEIRA, Heloísa Maria José de. **Assistência Social: do discurso do estado à prática do Serviço Social**, 1988.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo, Pioneira, 1976.

OLIVA, Maria Herlinda Borges. **Política de Estado e prática social. Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, abr. 1988.

Plano Nacional de Extensão Universitária. Brasília: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – SESu/MEC, 1999.

PARISOTTO, J. **Educação Popular e Serviço Social**. 1983. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1983.

RIBEIRO, Milton Pinto. **Dominação e transformação em educação a partir do conceito de poder em Foucault**. Hifen. Uruguaiana PUC RS v. 25, n. 47/48, p. 16-25, jan./dez., 2001.

RICO, Elizabeth de Melo. **Teoria do Serviço Social de empresa: objeto e objetivos**. São Paulo, Cortez: 1987.

RODRIGUES, Maria Lúcia. **O trabalho co grupos e o serviço social**. São Paulo, Editora Cortez & Maraes, 1978.

SANTANA, Raimunda Nonata do Nascimento. **Serviço Social e educação popular: a questão das suas relações na sociedade brasileira**. Porto Alegre, PUC-RS, 1985. Dissertação de mestrado.

SANTOS, Leila Lima. **Notas sobre o investigação-ação**. In _____. Textos de Serviço Social. São Paulo, Cortez, 1982.

SILVA & SILVA, Maria Ozanira da. **O Serviço Social e o popular: resgate teórico do projeto profissional de ruptura**. São Paulo: Cortez, 1995.

ANEXOS

ANEXO A

PROPOSTA DE :

DIRETRIZES DA EXTENSÃO NO DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

Portaria n.º ____/04

Chefe do DSS em uso de suas atribuições e tendo em vista o que deliberou o Colegiado, aprova as Diretrizes de Extensão do DSS de acordo com a Resolução CUn n.º 05/98.

MISSÃO

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA TEM POR FINALIDADE “PRODUZIR, SISTEMATIZAR E SOCIALIZAR O SABER FILOSÓFICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO E TECNOLÓGICO, AMPLIANDO E APROFUNDANDO A FORMAÇÃO DO SER HUMANO PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL, A REFLEXÃO CRÍTICA, SOLIDARIEDADE NACIONAL E INTERNACIONAL, NA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE JUSTA E DEMOCRÁTICA E NA DEFESA DA QUALIDADE DE VIDA”

DAS DEFINIÇÕES

1. “A Extensão entendida como uma das funções básicas da Universidade, é a interação sistematizada deste com a comunidade, visando contribuir para o desenvolvimento da comunidade e dela buscar conhecimento e experiências para a avaliação e vitalização do ensino e da pesquisa.” (Artigo 1º, Resolução n.º 05/CUn/98).
2. “São consideradas atividades de extensão quaisquer tipos de atividades que envolvam, mesmo que parcialmente, consultorias, assessorias, cursos, simpósios, conferências, debates, palestras, atividades assistenciais, artísticas, esportivas, culturais e outros afins, propostas individual ou coletivamente, realizadas na Universidade ou fora dela”. (Artigo 2º, Resolução n.º 05/CUn/98).
- 2.1 As atividades de Extensão poderão ser remuneradas ou não.
3. “Compete ao Departamento planejar, apreciar, aprovar, executar e avaliar as ações e/ou projetos de Extensão, seu conteúdo técnico, os prazos para sua execução, a carga horária, a prorrogação dos mesmos e elaboração de Relatórios”. (Artigo 06º Resolução n.º 05/CUn/98).
- 3.1. Terão prioridade Projetos e/ou atividades que mais diretamente estiverem envolvidos com a garantia do Projeto Pedagógico e Currículo do Curso de Serviço Social.
4. A extensão no Departamento de Serviço Social deverá dar condições aos alunos para “assegurar que no mínimo 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no País será reservado para a atuação dos alunos em ações Extensionistas”. (Lei 10.172/01 – ementa do Plano Nacional de Educação). NO ATUAL CURRÍCULO DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL REPRESENTA.....HORAS.
5. As atividades de Extensão do Departamento serão Coordenadas pelo respectivo chefe ou Coordenador de Extensão indicado pelo Colegiado do Departamento.

DOS RECURSOS

1. As atividades de Extensão serão desenvolvidas com recursos humanos, materiais e financeiros da UFSC ou com parcerias externas.
- 1.1 A aprovação das atividades de Extensão pelo Departamento fica condicionada a garantia da disponibilidade dos recursos humanos, materiais e financeiros.
2. A captação de recursos humanos e financeiros para a viabilização das atividades de extensão será de responsabilidade do proponente.

Para atividades que envolvam captação de recursos.

3. “As atividades de Extensão, quando envolverem a captação de recursos, terão a sua gestão executada pela própria Universidade através da SEPLAN ou por uma das Fundações de Apoio”. (Art. 17 Resolução n.º 05/CUN/98).
4. Do valor total dos recursos financeiros provenientes das atividades de extensão serão recolhidas taxas de acordo com o artigo 18 da Resolução n.º 05/CUN/98) na seguinte proporção:
 - () Fundação;
 - 1% - Unidades de Ensino;
 - () Departamento;
 - 1% Programa de Bolsas;
 - 1% FUNEX.
- 4.1. Quando o professor do DSS for convidado a participar de atividades de Extensão proposta por outras Entidades e previstas no projeto inicial, deverá ser “atribuída ao Departamento o percentual de 10% (dez por cento) do numerário do professor”.
- 4.2. Quando o professor do DSS participar de atividades de Extensão elaborada por outras Entidades não previstas no projeto inicial, deverá ser deduzida a percentagem de 5% (cinco por cento) da remuneração do professor para o Departamento.
- 4.3 Quando o professor do DSS propor atividades de Extensão, cujo projeto envolva custos financeiros, deverá ser deduzida a percentagem de 5% (cinco por cento) do total do projeto para o Departamento de Serviço Social.

DA TRAMITAÇÃO

1. As atividades de Extensão poderão se originar em iniciativas do professor dos Núcleos, do DAEX, de outros órgãos e da Comunidade em geral, mas deverão se realizar de forma a garantir a indissociabilidade entre ensino – pesquisa – extensão do Curso de Serviço Social.
- 1.1. No âmbito do DSS as atividades de Extensão deverão basicamente, se vincularem ao processo de ensino-aprendizagem e ao caráter interventivo, de forma a responderem aos desafios de formação profissional do Assistente Social e as grandes questões sociais e contemporâneas.
2. As atividades de extensão serão propostas ao Departamento de Serviço Social para aprovação sob a forma de projeto, devendo o professor preencher o Formulário de Tramitação no endereço eletrônico <<http://www.daex.ufsc.br>>.
- 2.1. Os Projetos deverão ser apresentados quando da realização semestral do PAD ou em outras datas para atender editais, e aprovados pelo colegiado do departamento.

2.2. As atividades de Extensão, que demandarem até 20 horas para a sua execução a exemplo de palestras, conferências, mesas redondas e similares, poderão ser dispensadas de apresentação de Projeto, apenas deverão ser registrados no formulário próprio do DAEX, e aprovados no DSS

3. A chefia do DSS de acordo com o estabelecimento neste documento, aprova “on line”, o Formulário para obtenção do Registro no DAEX.

DA COORDENADORIA DE EXTENSÃO

São funções do Coordenador de Extensão do DSS:

1. Coordenar as ações de planejamento, execução, acompanhamento e avaliação das atividades de Extensão do DSS.

2. Aprimorar os processos de formulação e implementação da Política de Extensão.

3. Articular as ações de Extensão com o Ensino e Pesquisa no DSS.

4. Organizar administrativamente a Coordenação de Extensão (arquivamento de documentos, projetos, legislação e relatórios, etc.).

4.1. Organizar, acompanhar e registrar as atividades de Extensão exigidas pelo PNE. (Lei 10.172/2001).

5. Criar mecanismos de informações, comunicações e divulgação da Extensão no âmbito do DSS/CSE/DAEX/UFSC e na comunidade em geral.

6. Elaborar e apresentar semestralmente Relatório para apreciação e aprovação do DSS.

ANEXO B

Raimundo Nonato de Araújo
(012) SP, Paulo, 1996,

TESTE PESSOAL PARA SE AVALIAR COMO ANIMADOR

Assinale a letra que corresponde à sua tendência

1. Antes de uma reunião, tenho tendência:

- a) a preparar tudo e a tudo prever nos mínimos detalhes;
- b) a preparar um esquema geral do encontro;
- c) a contar, antes de tudo, com o grupo.

2. No começo de uma reunião, tenho tendência:

- a) a indicar ao grupo o roteiro que seria bom seguir;
- b) a propor vários roteiros para a discussão e escolha do grupo;
- c) a confiar no grupo para que ele próprio siga o seu roteiro.

3. Diante de idéias firmemente contrárias às minhas, tenho tendência:

- a) a manter-me em minhas idéias de maneira firme e, às vezes, agressiva ou apaixonada;
- b) a continuar a discutir para aprofundar os pontos de vista de cada um;
- c) a deixar cada um com liberdade.

4. Quando alguém critica diretamente o que eu digo ou faço tenho tendência:

- a) a tentar convencê-lo de que eu tenho razão;
- b) a lhe fazer perguntas ou a dirigir a pergunta a todo o grupo para esclarecê-la melhor;
- c) deixá-lo falar, mudando depois o assunto.

5. Quando o grupo toma uma direção diferente da direção decidida pelo conjunto do grupo no início, tenho tendência:

- a) a fazer o grupo voltar rápida e firmemente ao caminho previsto sem discussão a respeito;
- b) a relembrar ao grupo suas primeiras opções para que ele volte a se situar;
- c) a confiar no grupo sem intervir.

6. Em grupo, tenho habitualmente a tendência:

- a) a dizer o que penso logo de saída, independentemente do que pensam os outros;
- b) a aguardar o momento mais favorável para o caminhar do grupo, levando em conta minhas idéias e aquelas que surgiram do grupo;
- c) a falar de acordo com o que eu sinto no momento.

7. Em reunião, tenho tendência a considerar um conflito como:

- a) um momento difícil, a ser resolvido quanto antes, disciplinando firmemente o grupo;
- b) uma reação normal do grupo, que é preciso viver sem simplesmente deixar passar mesmo que afetivamente seja duro;
- c) algo que se resolverá por si mesmo.

8. Diante de alguém que não abre a boca no grupo, tenho tendência:

- a) a interrogá-lo diretamente, exigindo que fale para que o grupo possa saber, enfim, o que pensa;
- b) a ficar atento para lançá-lo no momento oportuno, mas sem forçar;
- c) a respeitar o seu silêncio, sem lhe dar atenção especial.

9. Para conhecer a opinião do grupo sobre um assunto, tenho tendência:

- a) a dar freqüentemente a volta ao grupo para que cada um possa e deva se expressar;
- b) a recolocar o problema de diversas maneiras para os diversos membros do grupo;
- c) a deixar a palavra àqueles que quiserem falar, considerando que quem quiser falar poderá falar.

10. Na busca dos objetivos propostos, tenho em mira em primeiro lugar:

- a) O sentido da responsabilidade do animador, pois é ele o principal responsável pelo êxito ou pelo fracasso;
- b) o sentido da responsabilidade de cada membro, mesmo que leve tempo antes que cada um se sinta responsável pelo grupo;
- c) o sentido da responsabilidade dos líderes naturais do grupo que os outros terminam seguindo.

11. Sinto a avaliação como:

- a) um momento difícil que não deve ser prolongado, devendo se referir unicamente aos resultados atingidos pelo grupo;
- b) um momento difícil, às vezes enriquecedor, que deve se referir ao mesmo tempo aos resultados atingidos e ao funcionamento interno do grupo;
- c) um momento cuja utilidade não é muito clara para mim.

12. Se o resultado daquilo que o grupo esperava foi diferente do que o grupo havia previsto, tenho tendência a me dizer:

- a) foi um fracasso;
- b) quem sabe isso corresponde melhor às necessidades verdadeiras do grupo;
- c) foi uma pena, mas que remédio?

ANEXO C

Oficina de Trabalho Social com Grupos Populares
Avaliação

1. Você considera que o ambiente utilizado nessa Oficina foi:

() Próprio () Próprio com ressalvas (detalhar abaixo)

() Não próprio por aspectos que detalharei abaixo.

2. Em relação ao horário estipulado, este foi:

() Adequado () Não adequado (justificar)

3. A metodologia aplicada, em sua opinião, foi:

()Apropriada () Deixou a desejar em aspectos que detalharei abaixo () Outra opinião (detalhar abaixo)

4. Em relação ao conteúdo ministrado a Oficina:

()Atingiu minhas expectativas () Deixou a desejar em alguns aspectos que detalharei abaixo () Superou minhas expectativas em aspectos que detalharei abaixo () Outra opinião (detalhar abaixo)

5. Como você considera que o trabalho realizado pelas estagiárias:

() Contribuiu para o desenvolvimento da Oficina em aspectos abaixo relacionados () Poderia ter contribuído mais em aspectos que detalharei abaixo () Não percebi qual o papel das estagiárias na Oficina.

6. Em relação ao trabalho desenvolvido pela coordenadora, você o classifica como:

() Postura adequada ao tipo de trabalho realizado () Postura adequada com ressalvas a seguir detalhadas () Postura não adequada por aspectos a seguir detalhados () Outra opinião

7. Quanto ao período de duração deste curso, você considera que foi:

() Suficiente () Insuficiente

8. Quais outras opiniões, sugestões e críticas em relação à Oficina de Trabalho Social com Grupos Populares?

9. Que temas ou assuntos desenvolvidos na Oficina você considera que mais contribuíram para sua ação profissional?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

ANEXO D

**Discurso proferido pela Assistente Social e Coordenadora Simone Matos
Machado na cerimônia de encerramento do Projeto**

Em nome do núcleo de estudos em serviço social e organização popular é com muita satisfação que estamos vivendo este momento de encerramento de uma experiência de 4 meses, 16 encontros pedagógicos, onde a Universidade Pública cumpre seu papel de, através da ação extensionista, contribuir para a construção de uma sociedade com mais justiça social. O desafio de buscar métodos, instrumentais técnico-operativos capazes de libertar as amarras que impedem nossa população empobrecida de decidir com consciência os rumos das políticas sociais, ou seja o exercício efetivo do controle social destas políticas, fez com que o NESSOP promovesse um espaço pedagógico de discussão dos elementos da prática profissional do Serviço social aliados aos princípios da educação popular. Construir conhecimento através da experiência concreta dos sujeitos; Oferecer espaços pedagógicos de práticas coletivas que serão objeto de análise pelos mesmos sujeitos que as vivenciaram; Reconhecer a capacidade que as pessoas tem de ensinar a si mesmas, descobrindo, despertando os conceitos embutidos em suas experiências cotidianas; foram se constituindo o pano de fundo desta Oficina. Para o NESSOP, enquanto academia, tornou-se uma busca fundamental construir propostas interventivas para o serviço social que realmente promovam a inclusão social para esta grande parte da população brasileira com pouca escolaridade, onde os métodos acadêmicos convencionais na maioria das vezes, tornam-se insuficientes para promover o conhecimento e a alteração da consciência destes sujeitos no sentido da sua autonomia e libertação. É preciso reinventar, criar, no cotidiano profissional, formas alternativas onde o grupo torna-se berçário de transformação social. Neste contexto eu gostaria de agradecer os Assistentes Sociais participantes desta oficina, as acadêmicas Karise Roberta e Nalú Martini Picoli por acreditarem na proposta da Oficina como campo de estágio curricular obrigatório (espero sinceramente que o NESSOP e o DSS tenham oferecido as condições necessárias para o pleno desenvolvimento desta atividade de formação). Também agradecer Conselho Regional de Serviço Social pela parceria, nos acessando a listagem dos profissionais da grande Florianópolis e promovendo a divulgação em rede; e também o programa pró extensão da Ufsc viabilizando os recursos financeiros. Foi esta articulação de esforços que possibilitou inaugurar no Departamento de Serviço Social um novo momento de aperfeiçoamento da prática profissional do assistente social com grupos populares. Para terminar trago um pensamento de Leonardo Boff, que ao nosso ver, representa o grande desafio do Serviço Social junto aos setores populares: “ **Aparecer acima do povo ou desaparecer no meio do povo não interessa finalmente ao povo. Isso é desajudá-lo. Trata-se, sim, de estar ao lado ou no meio do povo, sendo o que se é, sem fantasias ou máscaras, e fazendo de sua diferença um serviço**”.

ANEXO E

Discurso proferido pela Assistente Social Rosana Cristina dias Aragão em nome da turma na cerimônia de encerramento do Projeto Oficinas

Vivemos em um País, onde o sistema político-econômico é gerador e multiplicador de desigualdades e injustiças sociais profundas, atingindo de maneira desumana amplos setores da população. Neste contexto, a sociedade civil vem reagindo de formas diversas e expressando-se particularmente através de movimentos sociais tais como: dos meninos e meninas de rua, dos negros, dos sem teto, dos sem terra, movimentos ambientalistas, movimentos comunitários de bairros e tantos outros.

É no contexto de forte disparidade econômica, de tensões políticas e de mobilizações populares que se desenvolveram no Brasil caminhos de educação popular.

O trabalho social com grupos populares contribui não só para o processo de construção do ser humano, mas também deste com o grupo e a sociedade na qual faz parte.

Nesta caminhada vivencial - em que os processos de construção de identidade fazem despertar a elevação da auto-estima e, como consequência, devolvem o poder ao sujeito - o grupo se recupera no indivíduo e este ressurge na sociedade como cidadão. Ignorar esta realidade seria negar a possibilidade de uma transformação social.

Nascemos do outro. Vivemos com o outro. Nos completamos no outro. Assim, construímos uma sociedade em grupo.

Os princípios fundamentais do Código de Ética do Serviço Social orientam como valor ético o reconhecimento da liberdade, a ampliação e consolidação da cidadania, a eliminação de todas as formas de preconceito, entre outros, garantindo, ainda, a opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação.

Neste contexto de retomada de consciência não podemos nos furtar ao entendimento de que as vivências com grupos populares são uma forma estratégica de gestão de novas técnicas que fazem parte de um processo

metodológico de alavancagem do desenvolvimento de comunidades; práticas sociais voltadas àqueles que sofrem o processo de exclusão social nos diversos sentidos da existência humana.

As vivências contêm um instrumental teórico-metodológico que são a base para a reflexão e interpretação da realidade apresentada.

Não obstante, esta técnica propicia a construção do conhecimento a partir da experiência em grupo onde o concreto vivenciado torna-se campo fértil de saberes, a partir da partilha e da percepção de diferenças, humanizando as relações e alterando concepções de mundo.

A vivência é uma técnica que está permeada pelo diálogo, que na visão de Paulo Freire, é dimensionado pela reflexão e pela ação num contínuo ato de aprendizado compartilhado a serviço dos interesses e preocupações das camadas populares.

As vivências com grupos populares exigem do profissional de Serviço Social uma postura pedagógica aberta, democrática e criativa. Promovem um maior comprometimento do profissional com a sociedade, uma práxis social transformadora, a partir do exercício dos eixos fundamentais do trabalho grupal: a identidade, a afetividade e o poder.

O fortalecimento dos sujeitos situa-se no processo de construção da conscientização de si mesmos, do outro e do mundo. A proposição deste fortalecimento é matéria específica do profissional de Serviço Social e deve ser preservada.

O campo de atuação do assistente Social vem sofrendo repetidas ameaças de apropriação indébita. São profissionais de outras áreas sem capacitação para lidar com os sujeitos sociais o que interfere diretamente no processo de transformação da sociedade, acentuando, por vezes, a exclusão e desqualificação deste sujeito.

Neste sentido, o trabalho com oficinas populares é instrumento para o Serviço Social na práxis transformadora dos sujeitos sociais e deverá contribuir para a defesa e manutenção do campo de trabalho do Assistente Social.

O “Curso Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares” propiciou-nos perceber que participar do aprendizado sobre as vivências grupais é mais do que saber; é o próprio exercício da apreensão de uma consciência sobre o coletivo. Neste processo, o Assistente Social também se liberta, pois a partir da troca e da participação, ocorre a quebra de regras rígidas contidas no determinismo metodológico.

Este é um curso que acrescenta ao saber, o saber-fazer. Vivenciar as dinâmicas é deixar-se afetar profundamente pela vida. Vida que existe em cada um de nós e está particularizada por processos culturais; é o reconhecer-se no mundo e reconhecer o mundo e com este transformar e ser transformado.

A complexificação das relações humanas em face da estrutura capitalista globalizada que se apresenta, desafia o profissional de Serviço Social a não só empreender novas técnicas, mas principalmente, saber vivenciá-las. Isto significa colocar em ação a difícil tarefa de ouvir a voz do outro; percebendo e compreendendo e aceitando o outro.

É o exercício do diálogo proposto por Paulo Freire; é a interligação com o outro, a partir da afetividade. É o caminho de indução à cooperação, à solidariedade e à compaixão. É o próprio **saber cuidar** tão solicitado por Leonardo Boff.

Finalizando, este curso nos permitiu experienciar as diversas possibilidades do agir, do sentir e do saber-fazer, numa relação direta com o outro, para o outro e com o outro – excluir um deles*** proporcionando uma maior segurança na práxis profissional com os setores populares.

OFICINA 1 – 12/08/2004

Objetivo:

Apresentação do Programa da Oficina bem como, da Coordenadora Simone Matos Machado, das estagiárias Nalú Martini Picoli e Karise Roberta Oliveira e dos profissionais participantes do curso. Aplicar a dinâmica: Quem Somos?

Dinâmica Processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Celita, Emiliana, Fabíola, Graziela, Iliane, Kelly, Letícia, Maristela, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

*** 19:15 horas:**

Apresentação pessoal da coordenadora Simone e das estagiárias Nalú e Karise. Logo em seguida Simone faz a apresentação do resumo do Projeto Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares.

*** 19:35 horas:**

Apresentação das alunas.

Regina : trabalha na Prefeitura Municipal de São Pedro de Alcântara. Realiza um trabalho muito amplo, coordenando diversos grupos: mulheres, idosos, grupo do PMDLISS, etc. Buscou o curso pela necessidade de organizar o trabalho, sistematizando-o e planejando-o, para dinamizar as ações.

Fabíola: trabalha na Ação Social Paroquial de Ingleses – ASPI. O trabalho desta entidade está bem no início, agora que estão iniciando as oficinas com crianças, adolescentes e suas famílias. Trabalho voluntário, há dificuldades em trabalhar com eles.

Kelly: formada 2003, foi estagiária da Prefeitura Municipal de Florianópolis, trabalhando na região do Monte Cristo e com a Associação de Coletores de Materiais Recicláveis. Saiu no início do semestre. Ingressou no curso de Pós-Graduação em Políticas Públicas – UDESC e no mestrado em Educação e Cultura. Buscou o curso pois sentiu carências em trabalhar com grupos.

Iliane: trabalha na Prefeitura Municipal de São José , formada em 1988, hoje trabalha com um Grupo de Orientação e Apoio para Pais/ Família Cidadã, desenvolvido

na Cidade da Criança. São grupos temáticos quinzenais. Necessidade de Ter mais subsídios para trabalhar com grupos populares.

Graziela: formada em 98.2, trabalhou 4 anos com Educação Especial. Hoje trabalha na Prefeitura Municipal de São José, com Orientação ao Jovem Trabalhador, trabalha com adolescentes.

Celita: trabalha na CEF e empresas privadas. O curso vem de encontro ao que necessitava, pois trabalha muito com grupos. É uma oportunidade única.

Maristela: natural de Florianópolis, trabalha no Núcleo de Estudos Negros. Atua na comunidade de Vila Aparecida, Forquilha e Loteamento Laranjeiras/Palhoça. Faz orientações nos Programas de Educação e Justiça. No dia-a-dia sentiu a necessidade de juntar a prática com a teoria, por isso o interesse pelo curso.

Rosana: é bancária da CEF, mas formada em Serviço Social. Está fazendo um trabalho voluntário no Projeto Social ONG Moradia e Cidadania. Veio procurar orientação no curso pois vai trabalhar com famílias. Em função disso, precisa trabalhar a interação, a auto-estima, o ambiental e questões familiares.

Emiliana: é assistente social voluntária da Ação Social Paroquial de Ingleses/ASPI. Formou-se em março de 2004, vai trabalhar com famílias de baixa renda. A instituição ainda está iniciando seus trabalhos. O PET já está em funcionamento e atendem aproximadamente 15 crianças.

Tais: formou-se em março de 2004. Trabalha no Lar Fabiano de Cristo/UPI de Arnaldo São Thiago. Trabalha com 9 grupos, mas no momento só 7 estão em funcionamento. Sente necessidade de saber trabalhar com grupos e de fazer a junção da teoria com a prática, pois na graduação houve uma falha.

Letícia: formada em 1994, trabalha na Prefeitura Municipal de São José, com Orientação e Apoio às Famílias/Família Cidadã. Buscou o curso porque na prática falta instrumentalização.

Roberta: trabalha na Prefeitura Municipal de Governador Celso Ramos. É a única assistente social. Trabalha com grupos de mãe, idosos, na capacitação de conselheiros do Conselho Tutelar. Tem dificuldades em trabalhar com grupos. Salienta que esta dificuldade em trabalhar grupos na prática vem da graduação, pois ali se enfoca mais a teoria.

*** 20:10 horas:**

Início da dinâmica Quem somos? (Adaptação Simone M. Machado)

Cada aluno recebeu uma prancheta contendo uma folha em branco. Diversos materiais foram postos a disposição (tintas, lápis de cor, canetinhas), para escolherem e realizar seus desenhos. A única condição imposta era de que não usassem palavras.

Esta dinâmica tem por objetivos a Integração, entrosamento, socialização dos membros do grupo, resgatar a identidade de cada um e oportunizar essa visibilidade diante dos companheiros.

***20:35 horas:**

Pausa para lanche.

*** 21: 00 horas:**

Apresentação dos trabalhos. Cada aluno falou sobre o significado do seu desenho.

Regina: natureza, vida, força, algo nascendo, crescendo, energia para por em prática tudo que se deseja.

Iliane: é o peixe tímido, buscando coisas novas (rios, água corrente), mas não é fácil trilhar o caminho, pois há pedras, tempestade. O arco-íris representa esperança, busca individual (peixe sozinho).

OBS: não seguiu a regra, pois escreveu.

Celita: vida cheia de cores e sabores, perspectiva além do presente, é o que veio buscar.

Kelly: troca, vai estar sendo instrumentalizada para trabalhar com grupos, captar o que os grupos têm a oferecer.

Fabíola: sol, aquecimento, crescimento, um pouquinho de luz para seu trabalho.

Graziela: livro recebendo informações para que o trabalho cresça cada vez mais.

Letícia: desenhou o grupo, representando que todas estão no mesmo nível. Colocou as trocas de experiência, as diferentes alternativas e caminhos para chegar num objetivo.

Tais: desenhou ela quando chegou para a oficina, com muitas dúvidas, a troca de experiência com a colega que sentou ao lado e com o grupo.

Emiliana: desenhou um muro e uma lâmpada. A lâmpada representa a busca do conhecimento e o muro de estarmos sempre em construção.

Roberta: desenhou pontos de interrogação representando as muitas dúvidas e uma flor significando a busca de um mundo melhor.

Maristela: se vê como uma semente e no decorrer vai se transformar em uma árvore e dar frutos.

OBS: usou palavras para descrever seu desenho.

Rosana: desenhou um ponto preto que representa o medo e círculos ao redor que não a deixam desistir. Os movimentos ao redor do círculo preto representa o que ela espera da Oficina, a interação que o grupo está proporcionando a ela.

*** 21:15 horas:**

Avaliação da dinâmica com o grupo, coordenada por Simone. Esta lembra que nenhum trabalho pode ser julgado. Essa dinâmica pode ser utilizada com vários objetivos.

Regina achou que essa dinâmica talvez não fosse apropriada para um primeiro encontro.

Celita ponderou que independe da formação a interpretação do grupo.

***21:30 horas:**

Encerramento.

OFICINA 2 - 19/08/2004

Objetivo:

Apresentação dos cursistas que faltaram no primeiro encontro e realizar uma discussão do tema “Aspectos históricos da Relação Serviço Social e Educação Popular”.

*** 19:00 horas**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Carlos, Celita, Emiliana, Fabíola, Graziela, Iliane, Kelly, Letícia, Maristela, Marlene, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

***19:15 horas:**

Início das atividades.

Apresentação do Carlos. Trabalha no Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), no Programa de Iniciação ao Trabalho, que qualifica e trás auto-estima aos jovens. Tem várias parcerias, sendo uma delas o hip- hop. Todo o trabalho está voltado para a cidadania. O que o trás para o grupo é estar se armando para o sistema lá fora.

Após, o grupo se apresentou rapidamente para ele.

***19:30 horas:**

Simone inicia a aula expositiva. Ela sugere que, a partir da experiência individual, enumerem os desafios, as dificuldades de trabalhar em grupo no dia-a-dia.

OBS.: chegada de Marlene. Simone pede para que ela se apresente rapidamente. Ela trabalha na CEF e está tentando se identificar dia-a-dia nas dinâmicas.

As questões (desafios) destacadas pelo grupo foram:

Mobilização, poder, expressão, submissão (auto-estima), dependência, desigualdade, fechamento (dinâmica), pertencimento (inclusão), confiança (vínculos), diferenças (profissional x população), acolhimento, manter a participação, mudanças (imprevistos), retornar, poucas pessoas (falta), postura profissional, autonomia, libertação.

OBS.: Bráulia chega. Formada pela UFSC, trabalhou no Projeto Formação de Gestores Comunitários.

A seguir, Simone fala sobre a reconceitualização do Serviço Social... “a trajetória do Serviço Social com grupos se inicia nos primórdios da profissão. Aqui no Brasil ela teve uma característica de ser uma atuação baseada em metodologias importadas, principalmente da Inglaterra, e com uma visão funcionalista do indivíduo ou do grupo, ou seja, era uma atuação marcada por uma metodologia que buscava adaptar e integrar as

pessoas/sujeitos à sociedade. Até o início dos anos 60 foi mais ou menos essa concepção que se tinha de trabalho de grupo, de que o Assistente Social iria fazer um processo de adaptação, de integração das pessoas desajustadas à sociedade. A partir dos anos 60 já começa haver um questionamento e a influência da pedagogia libertadora de Paulo Freire, começando assim a influenciar as práticas do Serviço Social em comunidades e com grupos populares questionando essas posturas de que o Assistente Social iria adaptar esse indivíduo, trazendo para ele algo que ele não tem. Isso foi um processo hegemônico dentro da profissão, mas houve. Assim, vem falando de uma pedagogia, de um modo de trabalho horizontal, participativo, que incluía a humanização de pessoas enquanto responsáveis pela sua história e, fazendo uma análise da sociedade diferente, de que esta reproduz as pessoas do jeito que elas são e se as pessoas são do jeito que são “ porque a sociedade também reproduz essa situação, para que ela seja assim, então tira do sujeito a total responsabilidade por ele ser como ele é, e passa a olhar o sujeito inserido numa situação de contradição, de injustiça, de conflito”.

*** 20:40 horas:**

Pausa para o lanche.

*** 21: 00 horas:**

Continuação. Apresentação do quadro do Boff, apresentando os tipos de coordenador.

MODELOS DE AGENTE OU EDUCADOR

MODELOS DE AGENTE OU EDUCADOR	
Modelo do agente (animador)	Contramodelo do agente (paternalista)
É como um parteiro: auxilia a mãe a dar a luz	É como um genitor ou pai: engendra relmente o filho
É como um agricultor: cuida da terra para que produza bons frutos	É como um artesão ou fabricante: manipula as coisas para produzir outras
É como um médico: trata do corpo para que conserve ou recupere a saúde	É como um general: dá ordens para avançar ou recuar, etc.
Expressões de sua função específica	
Ativar energias internas, despertar, suscitar, estimular.	Influir através de uma força de fora e de cima, infundir luz e saber.
Induzir, animar, fazer-fazer.	Conduzir, levar, fazer-sem-mais.
Servir, ajudar, reforçar, contribuir, assessorar	Fazer no lugar, servir-se de, arrastar, presidir.
Dar condições, propiciar, facilitar, dar lugar, fazer espaço.	Criar, produzir, causar, instaurar, construir.
Coordenar forças em presença, articular, agenciar.	Ordenar (e condenar), mandar, liderar, administrar.
Estar no meio, animando.	Estar à frente ou acima, puxando.
Atitudes ou qualidades típicas	
Atenção, ausculta, abertura.	Intervenção, iniciativa.
Cuidado, respeito, paciência.	Coragem, agressividade.
Fineza, tato.	Esperteza, "tática".

Fonte: BOFF (1986, p.25).

*** 21:45 horas:**

Encerramento.

OFICINA 3 – 26/08/2004

Objetivo:

Realizar o “Teste Pessoal para se Avaliar como Animador (Queiroz)”.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Carlos, Celita, Emiliana, Fabíola, Iliane, Kelly, Letícia, Marlene, Maristela, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

*** 19:20 horas:**

Início. Simone distribui o “Teste Pessoal para se Avaliar como Animador (Queiroz)”. Cada aluno respondeu individualmente.

*** 19:35 horas:**

Início da Dinâmica dos tipos de coordenação

Esta dinâmica teve por objetivo dar consciência às diferentes formas de coordenar um grupo: autoritário, democrático e liberal.

Em um cartaz foi escrito a palavra autoritário, democrático e liberal. O grupo deu várias definições sobre cada um. Em seguida o grupo foi dividido em 3 subgrupos, onde encenaram o planejamento de um bingo comunitário, seguindo a definição da categoria de cada grupo.

As características levantadas pelo grupo foram:

* Autoritário: impõe sua opinião, não escuta o grupo, controla a expressão, direciona, centraliza ou comanda, não respeita o tempo do grupo/pessoas, impede a autonomia, gera dependência, sujeito passivo, coação, não se avalia, individualista, o grupo fica desorientado sem coordenador, é o único sujeito do processo e olha para si, seus interesses.

* Democrático: registra, ouve o grupo, constrói a participação, respeita o tempo do grupo, desperta senso crítico, incentiva, respeita as diferenças, avalia, torna o grupo sujeito de processo, visão do todo, olhar para o outro, dá espaços, coletividade e devolve o grupo para ele mesmo.

* Liberal: não interfere, o grupo fica solto desmotiva, todos falam, não há escuta, não há olhar para o todo, deixa o grupo sem objetivo, não se responsabiliza, não se compromete, não cria vínculos e falta planejamento.

*** 20:40 horas:**

Divisão dos alunos em 3 grupos e sorteio, para definir qual o perfil que deveria ser encenado pelo respectivo grupo. Tempo para que eles se organizassem.

*** 21:00 horas:**

Pausa para o lanche.

*** 21:20 horas:**

Apresentação dos grupos:

* Liberal: Rosana, Roberta, Celita e Fabíola: não decidem nada.

* Autoritário: Maristela, Iliane, Regina, Emiliana e Tais: o coordenador já decidiu tudo.

* Democrático: Kelly, Marlene, Letícia, Carlos e Bráulia: há troca de idéias.

*** 21:40 horas:**

Avaliação

- Celita destaca que todos os grupos cumpriram bem seu papel.

*** 22:00 horas:** Encerramento

OFICINA 4 – 02/09/2004

Objetivo:

Fazer uma discussão sobre as condições de aplicação e preparação das dinâmicas e vivenciar uma dinâmica de grupo para resgatar a identidade. Realizar o resgate da Oficina anterior.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Celita, Emiliana, Fabíola, Graziela, Iliane, Kelly, Letícia, Marlene, Maristela, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

*** 19:15 horas:**

Acolhida. Início com a discussão quanto à viabilidade de se realizar um encontro num sábado. A sugestão ficou para 27/09/2004, com o local a escolher.

*** 19:40 horas:**

Resgate do encontro anterior.

Celita: está olhando seus atos com consciência. A dinâmica serviu para rever atitudes.

Rosana: achou importante para a vida e família, para entender seu papel e pensar como agimos no dia-a-dia.

Roberta: ver as atitudes com outros olhos, saber respeitar as atitudes dos outros.

Simone explica que o corpo dos participantes também dá sinal quanto ao andamento do grupo que se coordena: cansaço, indiferença, etc.

*** 19:55 horas:**

Simone coordena um debate com o tema “Como preparar dinâmicas”. Ela inicia explicando que é necessário ter em mente o objetivo da intenção: aonde quero chegar. Não se preocupar com os resultados, pois as respostas podem ser diferentes. É necessário dispor de um espaço físico adequado e de recursos audiovisuais, para auxiliar no bom andamento da dinâmica. Também não se deve obrigar as pessoas a participarem das dinâmicas e nem expô-las fisicamente no grupo.

Pode-se trabalhar com três categorias: identidade, afetividade e poder.

*** 20:45 horas:**

Pausa para o lanche.

OBS: devido ao prolongamento da discussão no debate, tivemos que adaptar nosso planejamento, aplicando uma dinâmica que fosse compatível com o tempo optamos pela Dinâmica do Nó.

*** 21:15 horas:**

O objetivo da Dinâmica do Nó é a integração, troca, desafio coletivo, manifestação de lideranças

Os participantes de pé, formaram um círculo e deram as mãos e gravaram bem quem era a pessoa que estava no seu lado direito e esquerdo.

Após esta observação, o grupo caminhou livremente durante alguns minutos. A um sinal da coordenadora o grupo parou de caminhar e cada um permaneceu no lugar que estava, buscando a mão da pessoa que estava ao seu lado (sem sair do lugar, ou seja, de onde estiver) direita com direita e a mão esquerda para quem segurava a mão esquerda. (como no início).

Assim que todos se ligaram aos mesmos companheiros, foi solicitado que voltassem para a posição original, em círculo, porém sem soltarem as mãos e em silêncio.

OBS: Depois de várias tentativas, o grupo não conseguiu desfazer o nó. No decorrer da dinâmica observamos que alguns cursistas tomaram a iniciativa, a liderança, outros não aceitaram essa liderança e questionaram as ordens e ainda outros que não se posicionaram, apenas ficaram esperando a solução.

O grupo decidiu fazer novamente a dinâmica, desta vez o nó foi desfeito.

*** 22: 00 horas:**

Encerramento.

OFICINA 5 – 09/09/2004

Objetivo:

Vivência de dinâmicas que trabalhem a categoria identidade, discutir sobre a data do encontro e expor aos cursistas que faltaram na ultima Oficina um pouco do que aconteceu.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Carlos, Celita, Emiliana, Fabíola, Iliane, Kelly, Marlene, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

*** 19:15 horas:**

Recapitulação do encontro anterior.

Celita diz que toda dinâmica leva ao auto-conhecimento e isto é libertador.

*** 19:30 horas:**

Início da Dinâmica do alimento (Adaptação Simone M. Machado), esta dinâmica teve por objetivo revelar a identidade do grupo; tornar consciente a origem cultural dos membros: integração dos membros.

Para a realização desta foram utilizados folhas de papel para desenho, lápis de cor, tinta, canetinhas coloridas.

A coordenadora solicitou aos participantes para pensarem no alimento, na comida que mais gostam, e em seguida expressar no papel através de desenho a cena que vem à cabeça ao lembrarem deste alimento.

Quando todos terminaram de fazer seus desenhos foi aberto um grande círculo onde individualmente cada cursista revelou seu alimento preferido apresentando seu desenho e explicando a cena que desenhou.

*** 20:00 horas:**

Pausa para o lanche.

*** 20:15 horas:**

Início das apresentações.

Kelly: desenhou uma cena do restaurante Vó Luzia. Seu prato preferido é pizza.

Iliane: desenhou a família num almoço de domingo. Seu prato preferido é galinha com aipim. Sente falta de reunir a família como antigamente.

Regina: seu prato preferido é sopa de siri. Esta é uma sopa especial feita para os amigos.

Fabíola: seu prato preferido é lasanha, que sua mãe sempre faz em seu aniversário. Desenhou uma festa de aniversário.

Celita: seu prato preferido é lasanha. Lembrou da redação feita pela filha quando criança, dizendo que o prato preferido da mãe era lasanha. Desenhou a filha.

Bráulia: desenhou um fogão a lenha, com uma panela de feijoadá cozinhando.

Roberta: desenhou a casa de praia, na Armação da Piedade. Seu prato preferido é peixe frito, que seu pai pesca e prepara.

Rosana: desenhou um almoço em família, quando tinha 15 anos. Seu prato preferido é nhoque.

Marlene: desenhou a vida cotidiana, com ela, o marido e a filha. Seu prato preferido é macarrão.

Tais: seu prato preferido é churrasco com maionese. Lembrou das festas de família e das comemorações, que são sempre regadas com churrascos.

Carlos: desenhou uma praia. Seu prato preferido é cachorro-quente.

Emiliana: desenhou uma cena de aniversário, com amigos e família. Seu prato predileto é bolo de chocolate.

*** 21:15 horas:**

Simone explica que esta Dinâmica culmina com uma celebração, onde cada um traz seu prato. Ela é importante pois resgata a cultura e origem das pessoas, para que o grupo se conheça.

Kelly: sentiu que a saudade marcou cada desenho.

*** 21:45 horas:**

Encerramento.

OFICINA 6 – 16/09/2004

Objetivo:

Apresentação do filme “Amor sem Fronteiras”.

Mobilizar e sensibilizar os cursistas para as questões sociais presentes no filme: miséria, violência, descaso do governo, etc.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Carlos, Celita, Emiliana, Fabíola, Graziela, Letícia, Maristela, Regina, Roberta e Rosana.

*** 19:30 horas:**

Início do filme: “Amor sem fronteiras”. Breve resumo sobre o filme:

- Ao comparecer a um evento para angariar fundos, uma ingênua socialite americana, que é casada e vive na Inglaterra, testemunha um inflamado manifesto feito por um intruso renegado humanitário. Seu apelo em favor de crianças miseráveis sob seus cuidados transforma ela completamente. Atraída por ele e sua causa ela impulsivamente abandona sua vida protegida na Inglaterra e junta-se a ele em sua luta para ajudar os campos de refugiados. A medida que o trabalho a leva para campos miseráveis, ela descobre que a cruel realidade em que se envolveu deflagra nela uma paixão por salvar vidas, mesmo pondo em risco a sua própria vida.

*** 21:30 horas:**

Término do filme. O debate sobre o filme ficou para o próximo encontro, solicitou-se que cada um realizasse um comentário sobre seus sentimentos após terem assistido ao filme.

OFICINA 7 – 23/09/2004

Objetivo:

Recapitulação do encontro anterior com debate sobre as questões do filme.
Vivência da dinâmica de identidade e trabalho em grupo.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Carlos, Emiliana, Fabíola, Graziela, Kelly, Letícia, Maristela, Rosana e Tais.

*** 19:20 horas:**

Recapitulação do encontro anterior: comentários sobre o filme “Amor sem fronteiras”.

Rosana: percebeu que a política influencia no social;

Kelly: a imagem impacta;

Carlos: a sociedade hipócrita culpa as pessoas erradas;

Letícia: preocupou-se com a exposição da criança;

Graziela: os governantes usam o poder da palavra para dominar;

Simone: a sociedade não dá o que o povo necessita, gerando um processo excludente muito sério e o abandono dessas pessoas. A mídia aliena sobre a gente mesmo, sobre as reais necessidades básicas. Daí a necessidade de resgatar o ser sujeito de cada um, através de um processo sócio-educativo. Onde se propicie momentos de vivências, para que o grupo se revele.

Letícia: as pessoas têm o direito de optar por aquilo que querem.

*** 19:45 horas:**

Início da Dinâmica Construção Coletiva. Esta dinâmica teve como objetivo a integração, entrosamento, a socialização dos membros do grupo.

Os materiais utilizadas para a realização desta foi: cartolina, canetinhas, lápis de cor e cera, tintas, tesouras, tecidos, revistas, cola, fita adesiva, entre outros.

Simone convidou o grupo a observar bem os materiais expostos para decidir com o grupo o que iriam criar. Em seguida, dividiu o grupo em 3 subgrupos e solicitou que construíssem algo.

Após a construção, cada equipe apresentou a sua criação, explicitando todo o processo, desde o momento de decidir o que fazer até como fazer, como as tarefas foram divididas.

*** 21:30 horas:**

Apresentação dos trabalhos.

- **Emiliana, Fabíola e Rosana:** construíram porta-pratos e porta-copos.

Rosana: gosta de coisas coloridas, achou bonito. Ficou contente e satisfeita com o trabalho.

Fabíola: preferiu algo mais discreto, acha que conseguiram respeitar as opiniões.

Emiliana: também prefere as coisas mais discretas, preferiu colocar os desenhos no canto. Não houve atritos e achou muito legal fazer.

- **Kelly, Carlos e Tais:** construíram uma maquete, representando um assentamento dos sem-terra.

Cada um deu uma idéia, decidiram juntos, se ajudaram.

Carlos: reflete a identidade, questão social e busca a justiça social.

Tais: se vê nos detalhes, pois é muito detalhista.

- **Maristela, Graziela e Letícia:** construíram uma pessoa (palhaço), em frente da TV, no horário eleitoral.

Foi construído ao longo do processo. Quiseram mostrar que muitos políticos pensam que o povo não entende nada e que são uns fantoches.

Letícia: acha que não tem habilidades manuais. Dificuldade em dar forma ao que pensa.

Maristela: foi mais fácil dar a forma do que expressar pela fala.

*** 21:50 horas:**

Simone diz que tudo o que foi produzido tem seu valor. A construção coletiva é o que conta. O objetivo é o desafio de decidir em grupo o que fazer, com os recursos existentes. É aplicada para grupos que vão continuar a trabalhar juntos.

Ela diz ainda que sente dificuldades em trabalhar profundamente as dinâmicas, pois percebe que o grupo fica muito amarrado e limitado em sua vivência.

Letícia percebeu que não se entregou pois ficou pensando no que iria falar no final, na hora da apresentação.

*** 22:00 horas:**

Encerramento.

OFICINA 8 – 30/09/2004

Objetivo:

Partilhar experiências vividas nas Oficinas e aplicadas no trabalho. Vivência de Dinâmica da Afetividade (Bilhete) e da Dinâmica do Nó.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Celita, Emiliana, Fabíola, Iliane, Letícia, Marlene, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

*** 19:15 horas:**

Simone recapitulou os tipos de dinâmica já trabalhadas, correspondentes a categoria de identidade. Explicou que hoje começaremos a trabalhar dinâmicas de afetividade. Ela fala que este espaço é para que o grupo se aproprie da experiência para construir o processo e democratizar o conhecimento, pois o setor popular constrói seu conhecimento na vivência.

Após, Simone abriu espaço para que o grupo compartilhasse experiências de trabalho vividas com base nas Oficinas.

Rosana contou que realizou a Dinâmica do Alimento com o grupo no qual trabalha. Conseguiu com que todos participassem. Sentiu-se nervosa, porém satisfeita com o resultado.

Celita falou que as dificuldades são comuns na profissão. Ainda não aplicou as dinâmicas, mas após as Oficinas sente-se mais segura para trabalhar com grupos.

Iliane comentou que o profissional propicia a situação, mas as pessoas que a vivenciam e constroem. As pessoas têm necessidade de se colocar, mas não têm espaço para isso.

*** 20:15 horas:**

Início da Dinâmica do Bilhete que teve por objetivo propiciar um momento de reconhecimento e afetividade dos participantes.

O material utilizado foi: folhas, lápis de cor, canetinhas, tintas, etc.

Foi sorteado os nomes dos participantes entre si. A coordenadora instruiu que cada um olhasse para a pessoa que lhe coube e procurasse lembrar-se das atitudes e comportamentos dessa pessoa durante os encontros anteriores das quais mais gostou e

escrever uma mensagem positiva citando aquilo que percebeu do outro. Em seguida entrega-se a mensagem dando um abraço de boas-vindas à pessoa.

*** 20:45 horas:**

Pausa para o lanche.

*** 21:00 horas:**

Entrega dos bilhetes.

Simone explica que esta vivência favorece a relação entre as pessoas, o olhar para o outro, o dar e receber afeto.

*** 21:30 horas:**

Devido a falta de tempo não foi possível vivenciar a dinâmica do Nó.

Sugeriu-se que a provável data para o encontro seja 29/10/2004.

Encerramento.

OFICINA 9 – 07/10/2004

Objetivo:

Vivência de Dinâmicas de Afetividade, visando despertar o grupo para viver o diferente e situações de inclusão/exclusão pela diferença. Exercício da solidariedade.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Carlos, Celita, Emiliana, Fabíola, Graziela, Iliane, Kelly, Letícia, Maristela, Marlene, Roberta, Rosana e Tais.

*** 19:50 horas:**

Início da Dinâmica Os bonecos que visa contatar dificuldades em lidar com o diferente no grupo, despertar para a acolhida e a integração do outro como diferente. Nesta, 12 participaram e 1 observou.

Para a realização desta vivência necessita-se de vários bonecos desenhados e recortados em cartolina, de maneira que tenhamos cada peça (parte do corpo) separadamente. Algumas peças de cores diferentes, bem diferentes!

Cada participante recebeu uma peça para formar os bonecos. Na própria formação dos bonecos, o grande grupo foi organizado em pequenos grupos (de acordo com o boneco formado) para partilhar a experiência.

Como existem bonecos de cores diferentes, aqueles que receberem peças de cores muito diferentes, certamente, ficarão meio sem lugar, procurando outro boneco para se encaixar. Porém não irão encontrar.

Simone explica que esta dinâmica serve para ver como o grupo junta as peças, pois a tendência é juntar sempre os iguais. No dia-a-dia, buscamos sempre o padrão, o conjunto e não pensamos em como juntar o diferente. Através dessa vivência pode-se trabalhar o grau de preconceito no grupo, em aceitar o outro do modo que ele é.

O grupo avaliou que houve abertura para aceitar o diferente, sem conflitos.

Celita questiona se, quando aplicamos uma dinâmica, devemos explicar os objetivos.

Simone responde que não, mas é necessário que haja reflexão no final, ao término de cada vivência.

Rosana fala que a dinâmica não trabalha só o preconceito, mas o padrão de certo e errado.

Simone comenta que é importante resgatar as experiências vividas em cada grupo, humanizar as relações e construir o conhecimento pelo coletivo.

*** 20:30 horas:**

Pausa para lanche.

*** 20:50 horas:**

Início da Dinâmica “A Bala”. Participaram Rosana, Roberta e Iliane.

Nesta, pediu-se aos voluntários para colocar os braços para trás para serem amarrados. Em seguida foi posto três bombons sobre a mesa e pediu

0 aos voluntários que comessem os bombons. Enquanto isso o grande grupo observou o processo, sem dar sugestões.

O objetivo desta dinâmica é perceber como as pessoas reagem frente a uma dificuldade, onde esta dificuldade é coletiva , se é buscado uma solução sozinha ou se buscam uma cooperação .

No processo, Rosana e Iliane se ajudaram e Roberta fez sozinha.

Roberta diz que relacionou com as pessoas que têm dificuldades. Não achou difícil e foi importante vivenciar. Pensou em vencer o obstáculo sozinha e, se não conseguisse, aí sim pediria ajuda.

Graziela disse que é importante trabalhar em grupo.

Kelly falou que no seu caso pediria ajuda.

Rosana pensou que cada um iria ajudar o outro.

Iliane disse que parecia um jogo e só pensou em vencer o desafio, mas prevaleceu o que Rosana sugeriu.

Simone salienta que houve uma diferença radical na maneira de fazer o desafio.

Iliane disse que ao tentar fazer sozinha, não vê a pessoa do lado, que precisa de ajuda.

Simone conclui que estar em coletivo não é o que se espera da sociedade.

*** 20:30 horas:**

Encerramento.

OFICINA 10 – 14/10/2004

Objetivo:

Apresentação do filme “Geração Roubada”. Mobilizar e sensibilizar os cursistas para as questões presentes no filme.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Carlos, Celita, Graziela, Iliane, Kelly, Maristela, Marlene, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

*** 19:30 horas:**

Início do filme: “Geração Roubada”.

Molly era uma menina de 14 anos que vivia no interior da Austrália. Perto de sua casa, havia uma cerca tão longa que ela nunca conseguia enxergar seu fim. Seu pai era um homem branco que trabalhava para o governo na construção da tal cerca - idealizada para conter coelhos, que estavam desequilibrando o ecossistema local, pois se reproduziam muito rápido e comiam o que viam pela frente. Molly morava com sua mãe, uma aborígene que temia apenas uma coisa na vida: que lhe roubassem suas filhas.

Em um dia quente, como todos na terra dos cangurus, seu pesadelo chegou em um jipe empoeirado pelas estradas do deserto. Nele, outro homem branco, também funcionário do governo, caçou Molly, sua irmã mais nova e sua priminha como se caça coelhos selvagens. A luta foi em vão e as meninas logo desapareceram com os rostos colados na janela de trás do carro.

O "crime" cometido pelas crianças era ser filha de pais brancos e aborígenes numa época em que a Austrália não admitia esta miscigenação. Crianças mestiças eram arrancadas de sua família e levadas até escolas afastadas. Lá, eram catequizadas, aprendiam a ler e escrever. Os "mais branquinhos", que era julgados como "mais inteligentes" eram inseridos na sociedade branca como servidores (empregadas domésticas, capatazes de fazenda, etc.). De tempos em tempos, Mr. Neville (**Keneth Branagh**) o responsável pelos aborígenes da região oeste, checava os locais onde estavam as crianças para ver suas evoluções.

Foi num destes dias de testes que Molly pegou sua irmã e prima e decidiu fugir. Começava então uma longa e seca jornada pelo deserto australiano. Para voltar à sua

casa, elas deveriam percorrer quase 2 mil quilômetros (cerca de 1.500 milhas). Além dos perigos naturais, as três tinham de driblar **Moodoo** (um especialista em capturar os fujões) e escapar das armadilhas preparadas por Neville, que a cada dia era mais desmoralizado e ficava mais irritado e empenhado em recapturá-las.

A aventura vivida por aquela menina de 14 anos realmente aconteceu, assim como também foram reais os outros casos de crianças seqüestradas pelo governo australiano entre 1905 e 1971. Até hoje, porém, não houve um pedido de desculpa oficial por parte dos governantes, pois eles sabem que isso abriria a possibilidade das famílias lesadas processarem o Estado. Como eles são culpados, teriam de pagar multas exorbitantes, o que levaria o país à falência.

*** 21:30 horas:**

Término do filme, ficou acordado que no próximo encontro será realizado um debate sobre o filme.

OFICINA 11, 12 e 13 – 29/10/2004

Horto Florestal – Córrego Grande

Objetivo:

Realizar vivências de Dinâmicas que conscientizem sobre a estrutura da sociedade, das classes sociais no Brasil e quais as suas contradições. Compreender como se deu a dominação dos operários e camponeses, para que se conscientizem e unifiquem as suas lutas.

Dinâmica processual:

*** 08:30 horas:**

Chegada ao NESSOP e deslocamento para o Horto Florestal.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Carlos, Celita, Emiliana, Fabíola, Graziela, Iliane, Kelly, Letícia, Marlene, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

*** 09:00 horas:**

Chegada ao Horto Florestal. Simone passa os informes sobre a programação do dia, em seguida convida o grupo para conhecer o local.

*** 10:05 horas:**

Simone convida o grupo para vivenciar a Dinâmica do Jogo dos “cegos” amarrados e explica que o objetivo é tomar consciência das diferentes classes sociais no Brasil e quais as suas contradições. Compreender como se deu a dominação dos operários e camponeses, para que se conscientizem e unifiquem as suas lutas.

Para esta vivência foi necessário vender os olhos de alguns e amarrar as mãos de outros.

Antes de começar o jogo, chamam-se separadamente, sem que os outros percebam, quatro dos mais fortes e “espertos” do grupo. Combina-se que, quando for pedido, eles se ofereçam para o papel de cegos, como voluntários. Explicou-se que devem fingir que estão cegos, mas que realmente vão ser infiltrados (deixarão seus olhos serem vendados, mas na hora da brincadeira tentarão ver). Seu papel será impedir, em todos os momentos, que os cegos se unam.

Instruções dadas: a) Para os cegos: tapam-lhes os olhos e se dá uma única regra: “ Vocês devem unir-se e triunfarão quando todos os cegos, e somente cegos, estiverem unidos, abraçados” b) Para os infiltrados (já havia sido combinado com eles antes, sem que os demais tivessem percebido), a ordem é: “ Vocês devem impedir que os

cegos se unam. Tratem de dividi-los”. c) Para os amarrados: “Quando começar o jogo, participem como quiserem” d) Para os observadores: “ Fiquem bem atentos”.

Rosana, Tais e Kelly foram as amarradas e Carlos, Iliane, Roberta, Regina, Letícia e Marlene representaram os cegos. O restante tiveram a tarefa de observar.

Após a vivência o grupo relatou suas observações:

Observadores: o grupo se juntava mas havia 2 distanciando os cegos, 2 pareciam dificultar o trabalho, os cegos não se uniam, os cegos confiavam, amarrados ficaram soltos e livres mas não interferiram, não percebeu a relação entre os cegos e amarrados, os amarrados confundiam-se aos cegos.

Cegos: sensação de desmobilização, impotentes, perdidos sem rumo, ninguém para ajudar, só, vazio, precisa confiar em alguém, receio, medo, coisas estranhas, não sabe para onde ir, precisa se agarrar em algo/alguém.

Amarrados: excluída, sem objetivo, não interferiu, não atrapalhou, sentiu vontade de ajudar, ver se os cegos conseguem se unir (observou), precisa de orientação, dificuldade de criar.

Espiões: dá trabalho, sedução, separar, mistura laços de amizade, disfarça, confunde, tem que ser ágil.

Em relação com a nossa sociedade, o grupo concluiu que:

Cegos: que não estudaram (analfabetos ou semi), empobrecidos, alienados, massa de manobra.

Amarrados: classe média, profissionais em geral, políticos, funcionários públicos, cargos de confiança.

Espiões: partidos políticos, mídia, grupos economicamente dominantes, empresários, FMI, Estado (políticas públicas), associações (clientelismo), conselhos, profissionais, religião, universidades, escolas, vestibular, ONG's, leis, poder, judiciário, legislativo e executivo.

Aliados: partidos políticos, Serviço social, profissionais, ONG's, Igrejas de libertação, Conselhos, movimentos sociais, pastorais, leis.

*** 11:30 horas:**

Pausa para o almoço.

*** 13:15horas:**

Retorno.

Conversa com o grupo sobre o continuar do curso.

*** 14:00 horas:**

Palestra com Sayonara, educadora ambiental da FLORAM/Horto, sobre educação ambiental.

*** 15:30 horas:**

Início da Dinâmica da Mala., objetivando a conscientização sobre a estrutura da sociedade.

O material necessário para realizar esta dinâmica é uma maleta trancada a chave, dois lápis sem ponta, duas folhas de papel em branco e dois apontadores.

A coordenadora pediu que se formassem duas equipes:

- A uma, entregou a maleta chaveada, com dois lápis sem ponta e duas folhas de papel em branco dentro;
- À outra equipe entregou a chave da maleta e os dois apontadores iguais.

A coordenadora pede que as duas equipes negociem entre si o material necessário para o cumprimento da tarefa que é a seguinte: escrever no papel: “ eu tenho pão e trabalho”. A equipe vencedora seria a que escrevesse e entregasse primeiro a frase a coordenadora .

Cada equipe se reuniu para decidir qual seria a forma de negociação com a outra equipe. Após algumas ações, as duas equipes começam a negociar os objetos, neste momento surgem a “corrupção”, o trambique, a insegurança, a falta de confiança um no outro.

Uma das equipes, depois de muita negociação sem resultados positivos, sugeriu que as duas equipes se unissem, e assim foi feito.

Após a vivência, Simone explica que o normal é a competição, pois trata do poder e favorece o aparecimento da cultura política existente na sociedade e que quando as duas equipes se uniram elas trancaram o pronome “eu” por “nós” na composição da frase: “Eu tenho pão e trabalho”.

Letícia fala que racionalizou muito a dinâmica.

Celita diz que desempenharam logo a tarefa.

Emiliana disse que sozinhos não iam conseguir.

*** 16:00 horas:**

Neste momento foi vivenciado novamente a dinâmica do Nó, o nó foi desfeito com sucesso.

***16:15 horas:**

Os pontos a seguir foram levantados pelo grupo como avaliação do encontro :
bom, produtivo, sair da sala de aula, relacionamento melhorou, isso falta em sala de aula,
conhecer espaços diferentes, relaxando, saber que com aqueles que trabalhamos também
ocorre esta necessidade, aprendizado interessante.

*** 16:30 horas:**

Encerramento

OFICINA 14 – 04/11/2004

Objetivo:

Organizar o grupo para preparar o discurso da Cerimônia de entrega dos Certificados.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Carlos, Celita, Emiliana, Fabíola, Graziela, Iliane, Letícia, Regina e Rosana.

OBS: Neste encontro a coordenadora Simone não pode estar presente por motivos de força maior.

***19:30 horas:**

O grupo discutiu sobre a importância do discurso, o que seria interessante colocar e qual o formato deste.

***21:30 horas:**

Encerramento.

OFICINA 15 – 11/11/2004

Objetivo:

Avaliar o grupo na construção e aplicação de dinâmicas.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Carlos, Celita, Emiliana, Fabíola, Graziela, Iliane, Kelly, Letícia, Marlene, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

***19:15 horas:**

Simone dá os informes gerais sobre a cerimônia de entrega dos certificados, que acontecerá em 25/11/2004.

***19:30 horas:**

O grupo foi dividido em 2 equipes. Cada uma deve criar e aplicar uma dinâmica na outra equipe.

***20:10 horas:**

Pausa para o lanche.

***20:35 horas:**

Início das apresentações.

Equipe 1: Rosana, Emiliana, Letícia, Carlos, Graziela, Celita e Marlene.

Realizaram a Dinâmica do Naufrágio. Nesta, o mundo vai acabar e a equipe tem que escolher 5 pessoas, entre as citadas, para salvar.

Físico lunático, Médico alcoolista, Padre celibatário, Prostituta fértil, Homossexual com HIV, Assistente Social íntegra, Conselheiro Tutelar defensor dos direitos, Advogado que só vai com a mulher, Homem de 70 anos intelectual, Mulher de 40 anos executiva, Engenheiro paraplégico, Pedreiro usuário de drogas, Enfermeira 25 anos, faz partos e abortos, Mulher 30 anos, dona de casa, Filósofo, Político, Criança de 10 anos.

Os escolhidos foram: prostituta, Conselheiro Tutelar, pedreiro, enfermeira e o filósofo.

Equipe 2: Fabíola, Tais, Kelly, Roberta, Iliane, Regina e Bráulia.

Realizaram a dinâmica dos Rótulos, objetivando questionar a facilidade com que rotulamos as pessoas, tentando julga-las menos por seu conteúdo intrínseco e pessoal

do que pela eventual “embalagem” simbolizada por seus trajes, hábitos, família, situação intelectual ou social, etc.

Cada participante recebeu seu rótulo já colado na testa (de modo que ele não o leu antes nem durante a dinâmica).

Foram utilizados etiquetas para rotular os participantes, com os seguintes dizeres, tendo que descrever a pessoa em três características:

1. Idoso: discriminado, experiência, conhecimento, pouco respeitado.
2. Desempregado: desânimo, dívidas, ociosidade.
3. Prostituta: discriminada, opção difícil, procurada, opção de vida.
4. Juiz: poder, decisão, corrupto, autoritário, culto.
5. Presidiário: perseguido, vítima, culpado, inocente.
6. Empresário: capitalista, rico, dominador, explorador, empreendedor.
7. Aidético: frágil, persistente, lutador, dependente, inconseqüente

1. Graziela: não imaginava, pensava que era alguém doente, mexeu com ela, foi julgada, rotulada.

2. Rosana: pensou que seria um depressivo, suicida, mexeu com ela quando falaram arrombada.

3. Carlos: percebeu quanta hipocrisia há na sociedade, muito relacionada à questão de gênero.

4. Marlene: pensou que era um político, acha que tudo se enquadrou.

5. Emiliana: sabia que era pelas palavras.

6. Letícia: não sabia, achava que era um político, pois veio um bombardeio tão rápido de características.

7. Celita: pensava que era uma criança, nunca imaginou.

Após, a equipe explica que os objetivos foram: repensar alguns rótulos, conceitos, não olhar a história de vida das pessoas, se colocar no lugar do outro, preconceito na sociedade.

Simone diz que ficou bem feliz pois as equipes conseguiram realizar o proposto. Realmente fizeram, assumiram e dominaram o processo da dinâmica. Gostou do desempenho pois houve envolvimento de quase todas as pessoas. Apenas deve-se cuidar com a influência dos coordenadores.

***21:40 horas:**

Encerramento.

OFICINA 16 – 18/11/2004

Objetivo:

Avaliação geral do curso, realizada pelos cursistas.

Dinâmica processual:

*** 19:00 horas:**

Chegada dos participantes.

Contamos com a presença da coordenadora e ministrante: Simone;

Das estagiárias: Nalú e Karise e;

Dos cursistas: Bráulia, Carlos, Celita, Emiliana, Fabíola, Graziela, Iliane, Kelly, Letícia, Marlene, Regina, Roberta, Rosana e Tais.

*** 19:20 horas:**

Rosana lê o discurso, todos aprovam a proposta.

*** 20:00 horas:**

Início da avaliação escrita, realizada pelos cursistas sobre as Oficinas.

*** 20:30 horas:**

Pausa para o lanche.

*** 20:45 horas:**

Neste momento o grupo fez algumas observações sobre a avaliação:

Roberta: “O que mais contribui para minha prática profissional foi a questão da afetividade. Fez com que eu me envolvesse mais com as pessoas e demonstrasse sem medo os meus sentimentos”.

Fabiola: “Os conteúdos ministrados levaram a uma grande reflexão profissional”.

Carlos: “A maior contribuição foi o ato de ouvir as pessoas, que para mim além de todas as didáticas e das metodologias, foi a grande lição que aprendi”.

Rosana: “Busquei aplicar com o grupo que trabalho todos os pontos: identidade, afetividade e poder. Os resultados do meu trabalho já estão surgindo”.

Letícia: “A construção de conhecimento pela vivência e não somente pelo discurso, foi uma das coisas que mais me marcou, e acredito chamou para a realidade e valorização do saber do outro”.

*** 21:00 horas:**

Vivência da Dinâmica da Teia que tem por objetivo sensibilizar que todos somos importantes na imensa teia que é a vida, ninguém pode ocupar o seu lugar. Podemos formar diversas redes em nossa caminhada.

O material utilizado foi um novelo de lã.

Solicitou-se aos participantes que em pé formassem um círculo. Um componente do grupo com o novelo em mãos prende a ponta da lã em um dos dedos, assim ele inicia a vivência. Foi instruído que ao “jogar” o novelo de lã para uma pessoa do grupo, cada um deve falar uma palavra que expresse o sentimento vivido durante a realização das Oficinas. Assim foi sucessivamente, até que todos do grupo disseram o que sentiram.

Como cada um atirou o novelo adiante, no final houve no interior do círculo uma verdadeira teia de fios que os une uns aos outros.

Esta dinâmica foi aplicada pelas estagiárias Nalú e Karise.

*** 21:30 horas:**

Encerramento.

OFICINA-17 25/11/2004

Encerramento do Projeto Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares

Antecedentes: Encaminhamos uma carta convite com a programação para o Conselho Regional de Serviço Social – CRESS-12 região, para todos os professores do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina e aos profissionais que participaram do curso.

Programação:

A Cerimônia de Entrega dos Certificados realizou-se no dia 25 de novembro de 2004 no Auditório do Fórum do Norte da Ilha, com a seguinte programação:

19:30 horas: início/composição da mesa

Entrada dos cursistas

Falas: Pró-reitora (10 minutos)

Chefe DSS (10 minutos)

NESSOP (20 minutos)

Estagiárias (10 minutos)

Representante dos cursistas (15 minutos)

20:30 horas: entrega dos certificados

21:30 horas: coquetel

A cerimônia teve início com a composição da mesa, esta foi composta pela Chefe do Departamento de Serviço Social Tereza Kleba Lisboa e pela coordenadora do Projeto Simone Matos Machado.

Em sua fala Tereza Kleba Lisboa cumprimenta a todos em nome da Universidade Federal de Santa Catarina, da Pró-Reitoria de Extensão, do Departamento de Serviço Social. “[...]Desejo as boas vindas a todos em especial às formadas, quero registrar o orgulho e a satisfação de estarmos encerrando mais um curso, ou seja, um projeto desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular, coordenado pela Assistente Social Simone Matos Machado, tendo como nome Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares, essa Oficina que teve como objetivo contribuir com o aperfeiçoamento e instrumentos técnicos-operativos voltados à inclusão social cidadã aliando os elementos do fazer profissional do Serviço Social com os princípios da educação popular, ressaltando aqui que o papel profissional do serviço social junto à organizações populares tem sido justamente o de despertar a consciência política e capacitar as pessoas em relação aos rumos e aos cominhos, nas decisões políticas que diz

respeito, lutar pela conquista de seus direitos, enfim para que todos as pessoas possam exercer de fato a cidadania sendo sujeitos políticos. Quero destacar a presença maciça de mulheres [...] que com orgulho estão propondo, planejando e executando políticas públicas nesta área e, de forma crescente o profissional de serviço social vem se destacando como novos atores no cenário social, desconstruindo o paradigma vigente na sociedade que até então as lideranças e o poder eram assumidos mais e quase sempre por homens”.

Simone discursa em nome do NESSOP¹ “[...] é com muita satisfação que estamos vivendo este momento de encerramento de uma experiência de 4 meses, 16 encontros pedagógicos, onde a Universidade Pública cumpre seu papel de, através da ação extensionista, contribuir para a construção de uma sociedade com mais justiça social. O desafio de buscar métodos, instrumentais técnico-operativo capazes de libertar as amarras que impedem nossa população empobrecida de decidir com consciência os rumos das políticas sociais, ou seja o exercício efetivo do controle social destas políticas, fez com que o NESSOP promovesse um espaço pedagógico de discussão dos elementos da prática profissional do Serviço social aliados aos princípios da educação popular.”[...]. “Para o NESSOP, enquanto academia, tornou-se uma busca fundamental construir propostas interventivas para o serviço social que realmente promovam a inclusão social para esta grande parte da população brasileira com pouca escolaridade, onde os métodos acadêmicos convencionais na maioria das vezes, tornam-se insuficientes para promover o conhecimento e a alteração da consciência destes sujeitos no sentido da sua autonomia e libertação. É preciso reinventar, criar, no cotidiano profissional, formas alternativas onde o grupo torna-se berçário de transformação social”.

As estagiárias Nalú e Karise em seu discurso relatam que [...] “O estágio nas Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares mostrou-se de sua importância para nosso aprendizado profissional, pois tivemos a oportunidade de participar de sua coordenação, acompanhando os encontros pedagógicos e observando sua dinâmica”.

[...] “Acompanhando a vivência de cada dinâmica foi possível perceber a sensibilização e a comunicação do grupo, articulada com a experiência dos participantes [...] Compreendemos que os princípios metodológicos da Educação Popular vem ao encontro dos princípios da nossa profissão”.

¹ Machado, Matos Simone. Discurso proferido na Cerimônia de Encerramento das Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares. Novembro de 2004. Anexo D.

Em seguida, Rosana Cristina Dias Aragão em nome dos cursistas fez um discurso² salientando que [...] “O trabalho social com grupos populares contribui não só para o processo de construção do ser humano, mas também deste com o grupo e a sociedade na qual faz parte.

Nesta caminhada vivencial - em que os processos de construção de identidade fazem despertar a elevação da auto-estima e, como consequência, devolvem o poder ao sujeito - o grupo se recupera no indivíduo e este ressurge na sociedade como cidadão. Ignorar esta realidade seria negar a possibilidade de uma transformação social.

Nascemos do outro. Vivemos com o outro. Nos completamos no outro. Assim, construímos uma sociedade em grupo”.

[...] “Neste contexto de retomada de consciência não podemos nos furtar ao entendimento de que as vivências com grupos populares são uma forma estratégica de gestão de novas técnicas que fazem parte de um processo metodológico de alavancagem do desenvolvimento de comunidades; práticas sociais voltadas àqueles que sofrem o processo de exclusão social nos diversos sentidos da existência humana”.

Após os discursos é realizada a entrega dos certificados, destacando que nem todos os cursistas estiveram presentes devido a tempestade que caiu neste dia, impossibilitando alguns de chegar ao local da cerimônia e, outros por motivos profissionais se fizeram ausentes.

Ao término da cerimônia foi oferecido um coquetel de confraternização nas dependências do auditório, deixando explícita a satisfação de todos com os resultados deste projeto.

² Aragão, Rosana Cristina Dias. Discurso proferido na Cerimônia de Encerramento das Oficinas de Trabalho Social com Grupos Populares. Novembro de 2004. Anexo E.